

REVISTA

DA

ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS

SUMÁRIO

Crônica	João Mangabeira	3
Magalhães Carneiro	Novelística	6
Zózimo Lima	Costa Filho	13
Homenagem da Academia à memória de D. José Tomaz Gomes da Silva		19
Concurso de Contos Literários		38
Luiz Pereira de Melo	Bernardino José de Souza	52
Homenagem da Academia a seu Patrono de Honra Coronel José da Silva Ribeiro		54
José da Silva Ribeiro Filho	Discurso de agradecimento	
Titular da Cadeira n.º 4		68
Colaboração		70
Atas da Academia		72
Quadro Acadêmico		83

DIRETORIA DA ACADEMIA SERGIPANA
DE LETRAS

1947 — 1949

Presidente — PROF. MAGALHÃES CARNEIRO

Vice-Presidente — DR. GARCIA MORENO

Secretário Geral — ZÓZIMO LIMA

1.º Secretário — JOÃO FEIRE RIBEIRO

2.º Secretário — J. MAURICIO CARDOSO

Tesoureiro — PROF. JOÃO CAJUEIRO

Bibliotecário — DR. LUIZ PEREIRA DE MELO

CRÔNICA

A 5 de Novembro do ano próximo, celebrar-se-á o centenário de Ruy Barbosa.

Excepcionalmente, o nome de um homem pode encher e até nomear um seculo. Comumente, pode encher e até constituir a história de uma Nação.

Como justificativa às homenagens que em Sergipe como em tódo o país, oportunamente, se prestarão à memória de Ruy Barbosa, para aqui trasladamos o que sobre a veneranda e refulgente figura do grande brasileiro, escreveu o notável biógrafo patricio Sr. João Mangabeira.

A IMORTALIDADE DE RUY

E' por essa perpetração no tempo que se afere a immortalidade. Todavia, vinte anos após a morte de um grande homem já lhe podemos tomar com justesa as proporções. Porque já esfriaram as cinzas das controversias pessoais, já se apagaram as brasas das paixões que suas lutas acenderam, já se dissiparam os fumos da inveja que sua superioridade provoca. E no horizonte limpo, a distância de quatro lustros dá-nos a perspectiva que nos deixa ver, em toda a nitidez dos seus contornos, a figura do redivivo aluminada pela glória.

O efemero, o postico, o artificial, o mediocre não resistem ao curso de dois decênios. Só os grandes valores autênticos sobrevivem a essa longa provação. Vinte anos de glória postuma, se não consagram, permitem contudo um prognóstico de immortalidade.

E de Ruy o que se verifica, o que se sente, é que está tão vivo, mais vivo se possível, no espirito do povo, do que a 1.º de Março de 1928.

Provam-no as comemorações que, no vigéssimo ano de sua morte, se celebram em todo o país, e das quais o triduo, em sua bela e fiel,

intrépida e insulmina cidade natal é a mais ardente, sincera e comoveadora. Prova-o a designação, pelo seu nome, após o seu falecimento, de ruas ou praças de quase todos os centros povoados, através de todo o território nacional. O número sem conta de institutos de ensino ou cultura colocados sob seu patrocínio. A ereção de hermas, bustos e estátuas. A vulgarização, no registro civil, do seu prenome, raríssimo entre nós antes dele. E todos esses fatos posteriores ao seu falecimento e repetidos em escala crescente ao longo de vinte anos, fundamentam o prognóstico da imortalidade que os séculos hão de consagrar, e que ha-de permanecer, enquanto a Nação Brasileira perdurar.

Mas, na constelação daquela glória, não será fácil precisar o foco luminoso, predominante pela intensidade de sua fôrça ou a projeção sidérea do seu brilho.

O jurista, o filólogo, o educacionista, o humanista, em resumo o sábio; o orador, o jornalista, o escritor, em suma o artista; o político, o diplomata, o propagandista, o construtor de um regime, em uma palavra, o estadista, todos esses predicados nele se reuniam; e, segundo as circunstâncias, nele se revelava o homem da ciência, o homem da forma ou o homem da ação.

Assim, do mesmo punho, *Reforma do Ensino Primário, Atos Inconstitucionais, Posse dos Direitos Pessoais, Prece de Natal, Surrexit, Lição das Esquadras*; e os editoriais das campanhas políticas do *Diário de Notícias, do Jornal do Brasil e da Imprensa*. Do mesmo cérebro, o decreto de separação da Igreja do Estado e a Constituição de 91; o *Parecer* é a *Réplica*; a marinha da *Carta às Senhoras Cearenses*, a página sobre Carlyle. Do mesmo autor, *Anistia Inversa, Porneia e Esfola da Cabúnia*. Da mesma pena, *Privilégios Exclusivos*, o ensaio sobre Swift e os manifestos de fevereiro e março de 1910. Da mesma lávra, *Cessão de Clientela, o Justo e a Justiça Política* e contestação ao reconhecimento do presidente Hermes.

Exatamente o mesmo, orador que fala sobre o *Desenho e a Arte Industrial*, no Liceu, preleciona sobre direito, na defesa dos *habeas-corpus* ante a Justiça e ruge, como Cícero na *Secunda Filipica*, quando acusa, no Senado, o Governo, pelo caso do Satélite. A mesma voz que no Colégio Anchieta nos encanta, discorrendo sobre a perfeição, o ideal, a ciência e suas relações com a Religião, vibra no Parlamento, em Finanças e Políticas, e dá aos juristas extasiados a maravilhosa lição dos discursos de posse no Instituto dos Advogados, como anos atrás arrebatara o Senado com a peroração imortal sobre o jogo, num dos seus discursos mais famosos.

A palavra que improvisa, em francês, esse primor de forma e de fundo, que é a formidável réplica, com que responde a Martens, na

Conferência de Haia, é a que, na mesma lingua, recebe, numa oração clássica, a Anatole France, na Academia de Letras e, na Faculdade de Direito de Buenos Aires, examina, com altitude até agora ineguada, os Problemas Internacionais da época, que são exatamente os mesmos de hoje.

E todas essas ponderações científicas, literárias ou políticas, dão-nos o homem de ciência, o homem de letras e o homem de Estado.

Qual será, porém, entre todas, a sua qualidade proeminente? Qual o friso primaricial de sua vida em nossa história? Sob que aparição se consagrará a sua imortalidade e a sua glória?

NOVELISTICA

Capítulo II da novela — “Um Erro” que, com duas outras mais, compõem o livro inédito — “Chaves do Inferno” de autoria do prof. Magalhães Carneiro).

Às dez horas, no salão destinado no edifício do Fôro às audiências do Juiz, só se encontravam o Promotor, dr. Mariante e o escrivão respectivo.

Ao penetrá-lo, ladeado pelos guardas que o acompanhavam, Cesar estranhou a ausência da multidão que, se acotovelando, ali devia estar para vê-lo e ouvi-lo responder.

Segundo sabia, o rancor popular contra sua pessoa ultrapassava. Era de um monstro repugnante a figura que os jornalistas haviam pintado e oferecido à opinião para horror e repúdio. E, por tudo isso, esperava que, enchendo no edifício as ante-câmaras e os corredores, ali se acotovelasse uma multidão ululante de ira e curiosidade. Verificava, não obstante, o contrário. Àquela hora, a multidão exaltada que receiava enfrentar, parecia não existir na cidade. A tempestade que, no dia anterior, tudo castigára, cessára quasi por completo. O dia era propício e, portanto, como explicar aquela vasante quando supunha deparar o contrário? O dia era útil, o trabalho retinha e a Imprensa não noticiára para aquele dia o início do sumário no impressionante crime da rua Aliete, no Bairro dos Salesianos.

Às onze horas, todavia, quando o Juiz ocupava sua cadeira para dar começo á audiência, já havia muitas pessoas no auditório. Era completo o silencio feito na sala quando, iniciando a qualificação, se fez ouvir a voz do magistrado nas primeiras perguntas feitas ao réo. César a tudo ia respondendo laconico, mas com precisão. Logo, porém, que o Juiz lhe deferio a nona pergunta, querendo saber se elle tinha fatos a alegar ou provas que o justificassem ou firmassem sua irresponsabilidade no crime que lhe era imputado, Cesar disse: permita V.

Exa. Sr. Juiz eu conte aqui uma história. Nela estará minha resposta ao que V. Exa. deseja saber. E, à aquiescencia do magistrado, começou : a despeito de eu trabalhar aqui na cidade como é sabido, morava há três anos no Bairro dos Salesianos que é salubre e calmo. Perto da rua em que eu morava há um logradouro — o Parque da Luz que é ponto de passeio e recreio das pessoas qualificadas que habitam o bairro. Todos ali vão, mesmo quando não há musica no Corêto. Aquele era o meu lugar predileto de passeio e descanso. Há cerca de quatro mezes, pela tarde de um domingo, sentava-me num dos bancos que por ali se espalham quando de mim se aproximou uma mocinha conduzindo umas crianças, naturalmente ali mandadas a passeio. Sentou-se em meu banco e, como era natural, momentos depois, travamos conversação. Em certa altura, ela me disse chamar-se Lúcia, morar na casa da Rua Aliete numero quinhentos e noventa e um residência de um senhor chamado Caio que a tinha como pupila. Trazia sempre às tardes de domingo as crianças a passeio; eram filhos do homem a que já aludira. Eu nunca me casei Sr. Juiz; a renda modesta que me dava o emprego não me permitia pensar em constituir familia. Quando Lúcia, áquele dia, já anoitecendo, se retirou do parque reconduzindo as crianças à casa, estavamos, se não amigos, já muito bem conhecidos. Eu a simpatisara e ela, segundo me pareceu, não se desgoutou de minha pessoa. Esperei-a no outro domingo e ali, àquela mesma hora e naquele mesmo banco, entretivemos nova conversação. Tanto Lúcia como eu, ignoravamos que o conhecimento amistoso que nascera do nosso primeiro encontro, teria de progredir para se transformar num sentimento forte e perturbador. Ao cair dessa tarde, já eu a acompanhei às proximidades de sua casa e, ao despedirmo-nos marcamos encontro para mais tarde ao portão da residência de seus protetores. E continuamos as nossas entrevistas; no parque, às tardes dos domingos, e às noites do dias comuns, ao portão da casa da Rua Aliete. Em nossos encontros Lúcia nunca me falava em casamento para o que eu, aliás, já então me sentia inclinado a despeito de continuar economicamente impossibilitado de realizar matrimonio. Eu todavia, já amava Lúcia e minhas intenções a seu respeito eram as mais honestas. Certa noite, quando conversavamos ao portão, ela me surpreendeu com um convite que me alarmou e logo me desanimou nos meus propositos de casamento.

— Todos aqui em casa dormem cedo, me disse ela. Dr. Caio é muito caseiro e tem um dormitório no sótão que sempre prefere à sua alcôva no andar terreo. Sua cunhada D. Elisa tranca-se com as crianças e a cozinheira é velha e sonolenta. Por que não vem você conversar comigo aí dentro na sala de jantar? Meu quarto é conti-

guo. Deixaria a porta da sala que dá para o jardim destrancada e, quando fizesse luz em meu quarto, que você perceberia pela veneziana, poderia entrar sem fazer rumor; e, acrescentou : não haverá perigo de forma alguma...

Era, como se vê, um convite por demais avançado e perigoso. Minha aquiescência importaria na prática de uma imprudência muito grande. Penetraria uma casa alheia, alta noite, sem autorização de seu legítimo dono. Recusei como era de meu dever, desta primeira vez. Lúcia, todavia, sempre que conversávamos, repetia, insistia naquele convite, por ultimo, quasi suplicante. O desgosto que ela demonstrava quando eu delicadamente repelia seu convite mostrando-lhe o risco que correríamos, pois poderíamos ser apanhados, jamais lograva demover-me, fazer-me renunciar ao proposito de não realisar aquela imprudência.

Certa noite, supondo pelo que ia revelar, obter afinal a minha aquiescência àquilo para que me convidava, inopinadamente, Lúcia me disse : Dr. Caio hoje vai dormir no sótão. Pediu roupa limpa para a cama e insinuou, sentida : se você não fosse tão covarde, hoje seria ótimo para conversarmos com mais segurança e por mais tempo. E perguntou-me : vem ou ainda tem medo ?

Na presença da mulher a quem ama não há homem irredutível ante o qualificativo com que ela me brindara. Supunha-me então covarde, eu que detesto a covardia e disto já dera provas no bairro, por ocasião de um incendio numa casa de comodos.

—Pois bem, disse-lhe então. Aceito seu convite. Á meia noite estarei no caramanchão que me indicou aí, no jardim. Ilumine o quarto que será o sinal e espere-me na sala de jantar. Lúcia ao ouvir-me disposto a satisfaze-la, em agradecimento, pelo seu triunfo sobre minha relutancia, aproximou-se e terna me beijou na face. Á meia noite a Rua Aliete como as demais do bairro, fica deserta. Pelo muro da frente da casa ser baixo, o acesso ao jardim que ladeia o predio, se faz com facilidade. O caramanchão que Lúcia me indicara, edificaram-no fronteiro a quinta janela lateral da casa, que era a de seu quarto de dormir. Do interior daquele esconderijo, eu perceberia a luz feita em seu aposento — o sinal para penetrar à casa, e, num instante, estaria com ela na sala de jantar. Nessa primeira noite tudo aconteceu como se combinara. Dado o sinal, deixei o caramanchão e tocando a porta empurrei-a e entrei. Lúcia esperava-me no divan que existe naquela peça. Nessa primeira entrevista no interior da casa de seu protetor, muito pouco eu e ela nos demoramos. Satisfazendo-a no seu desejo de ali se avistar comigo, eu só queria mostrar-lhe que não era um covarde e só por prudência procurava esquivar-me. Depois dessa primeira aventura, nossos encontros no

interior da casa de Caio prosseguiram regulares uma, duas vezes por semana e sempre quando ele, para dormir, preferia o sotão à alcôva no andar inferior de sua casa.

Na noite do nosso ultimo encontro que coincidio com a tragedia em que, além do mais, perdeu a vida a moça que encontraram assassinada, Caio dormiria no sotão segundo me dissera Lúcia ao portão ao começo da noite. Já eu me abituara àqueles encontros na sala de jantar e já os aguardava com ansiedade.

A meia noite, transpús o muro e fui postar-me ao caramanchão. A luz no aposento de Lúcia devia ser feita incontinentemente, dando-me sinal para entrar; mas, isso não aconteceu. Alguma coisa, pois, de anormal se dava que impedia ela de me dar aquele sinal. Foi então que, vi a quarta janela lateral da casa abrir-se repentinamente enquanto, mão possante, mão de homem, atirava sobre o caramanchão que me ocultava um objeto que veio cair quasi sobre mim, tão perto, que pude apanhar-o sem me erguer. Pela fraca claridade que através os arbustos dão as lampadas da iluminação da rua, verifiquei que o objeto sobre mim atirado da janela, era um punhal pegajoso na parte inferior da lamina. E, mais por intuição do que por um exame detido, suspeitei que tinha sido usado contra alguém na casa. Ora, eu amava Lúcia, já constantemente pensava em fazel-a minha esposa e já a queria a todo transe. Suspeitante, certo de que ali, em casa, dera-se algo de anormal, receioso de que fosse Lúcia a vítima pela descoberta de suas facilidades, profundamente perturbado, inconsciente do que ia fazer, dixei o caramanchão e, pela porta destrancada para minha entrada quando se fizesse luz no aposento de Lúcia, entrei na sala.

Segundo me informou aqui o dr. Mariante, Caio declarará que me apanhou saindo do quarto da moça assassinada e isto não exprime a verdade. Eu não atingira ainda o meio da sala de jantar quando ele de revolver em punho me deteve. Nessa ocasião não pude reagir, protestar por minha inocencia, no que, por ventura houvesse acontecido. Ladrão e assassino me declarava ele. A minha situação era delicadissima. Estava apanhado no interior de sua casa, armado de um punhal, justamente na hora em que se cometia qualquer ato anormal sem vista ou captura do verdadeiro agente. Depois interferia o meu romance com sua pupila, o que ele talvez ignorasse e, revelá-lo, seria trair a moça a quem eu amava, criando para ela uma situação penosa. Forçado, pois, a me deixar vencer, succumbi, perdí as energias todas do meu espirito. O resto deve ser sabido por V. Exa., Sr. Juiz e nada mais tenho a dizer...

As ultimas palavras de Cesar concluindo sua narrativa de resposta à nona pergunta formulada pelo Juiz sumariante, foram aba-

fadas por intenso murmúrio na assistencia, murmúrio que Cesar ainda ouvia quando, por nada mais responder, assinava com o Juiz, o auto do seu interrogatorio.

A primeira testemunha arrolada, apresentou-se na sala destinada às inquirições à hora predeterminada. Declarou chamar-se Caio Azevedo, ser engenheiro e dono da casa em cujo interior se cometera o crime. E quando perguntado, historiou o sangrento episodio: Há dias, disse ele, vinha suspeito de que sua residência era rondada alta noite por pessoas estranhas. Parecia-lhe ouvir passos cautelosos no exterior, ao lado no jardim. E, por isso, andava vigilante. Receioso de um assalto a sua casa, munira-se de uma arma. Dormia com ela sempre à mão. Na noite do crime, desperto no leito, ouvira um baque no quarto contiguo ao seu onde dormia sua cunhada Elisa com os seus tres filhinhos menores e que lhe pareceu de queda de leito de algum dos meninos. Ergueu-se pressuroso tomou da arma pois que o baque que ouvira bem podia ser caurado por alguém estranho no aposento e saiu ao corredor. Dirigindo-se ao quarto de sua cunhada, cuja porta percebeu aberta, vio sair do aposento desgrenhado, um homem empunhando um punhal que luzia à luz da lampada que à noite nunca se apaga em sua habitação.

Surprêso e imediatamente enfurecido, apontou o revolver ao estranho, prendendo-o. No primeiro momento, pensou tratar-se de um gatuno vulgar que houvesse penetrado sua casa para aliviar-o de alguns objetos e aliviar-se de necessidades que, por ventura, experimentasse. Mas, atendendo para a arma que ele empunhava e distinguindo na mesma traços sanguineos, concluiu que fôra usada contra alguém. Tornando-se então mais energico aproximou o revolver ao peito do desconhecido e o intimou a render-se. Foi então que ele deixou cair a arma no chão e se mostrou passivo e entregue. Levando-o à sala de jantar sempre sob a ameaça de atirál-o, caso tentasse reagir, quando ali o teve, pediu auxilio às duas pessoas que habitam sua casa: Lúcia mocinha de sua criação e Mauricia velha cozinheira que o servia há vários anos. Essas pessoas acudiram prestes. E, enquanto Mauricia, ao seu mandado corria ao quarto de sua cunhada para verificar o que ali acontecera, Lúcia ia à porta da rua e pedia socorro em altas vozes. Os primeiros vizinhos que cudiram ao alarme de Lúcia, vieram encontral-o ainda detendo o homem que aprisionara. Inteirados do ocorrido, isto é, de que sua cunhada fôra assassinada em seu leito, aqueles vizinhos logo se despuzeram ajudar na guarda do criminoso e isto fizeram até quasi ao alvorecer quando lhe chegaram em casa o Comissário com outras pessoas que o acompanhavam.

A todas as perguntas que lhe foram feitas, respondeu Caio Azevedo com precisão e claresa. Quando o Juiz desejou esclarecimentos

sobre a vítima, Caio não vacilou em dá-los completos: Sua cunhada viera para sua companhia alguns mezes depois do falecimento de sua esposa. Seus tres filhinhos, a despeito de sua vigilância, sofriam pela ausencia da mãe. As governantes a quem os entregara para cuidados não satisfaziam do ponto de vista do carinho a que os meninos estavam acostumados e os pobrezinhos sofriam.

Foi quando Elia que era a personificação da bondade, manifestara o desejo de vir cuidar das crianças. E desde que em sua casa assumira o govêrno dos meninos, nunca mais ele Caio tivera cuidados. A substituição da mãe, sua cunhada fazia de forma perfeita.

E sobre a conduta da vítima, foi então muito lisongeiro: era honestissima, disse ele. Com vinte e cinco anos de idade ainda incompletos, seu espirito era o de uma senhora além de cincoenta. Bem jovem ainda sofrera uma decepção amorosa que lhe queimara o coração deixando-a para sempre talvez, cética e desesperançada. Moça e bela, vira-se traida e abandonada pelo homem a quem amava e, como se o mundo houvesse colaborado em seu infortunio, contra êle se armou, desprezando-o. Seu recalque, todavia, se a afastava do amor não lhe arruinava de todo o coração.

Em sua casa, seu prazer toda sua vida era a felicidade de seus filhos a quem se dedicava com fervor. E era porisso que, não encontrava explicações para o crime de que fôra vítima. Não amava ninguém alem dos sobrinhos. Sua casa era seu claustro, claustro que se tornou em patibulo pela mão assassina que a abateu.

A' ultima pergunta relativa ao desaparecimento da arma homicida, Caio respondeu firmemente: atribuo o desaparecimento do punhal que vi cair da mão do criminoso na ocasião em que lhe dei voz de prisão, à deshonestidade de algum dos vizinhos que, acudindo ao pedido de socorro por parte de Lúcia penetraram minha casa. O punhal devia ser uma arma de preço. E o Dr. sabe, concluiu Caio, a cobiça humana não se detem em caso algum...

As declarações da segunda testemunha, a cozinheira Mauricia, muito pouca luz jorraram sobre a pavorosa occurencia. Disse que, por ser de sono muito leve, despertara no leito à voz de seu patrão que se ouvia alta e energica. Recompuzera a toilette noturna e saindo de seu quarto contiguo à cozinha, chegara à sala de jantar, onde depa-rou seu patrão de revolver em punho detendo um homem que se mostrava muito acabrunhado. Subitamente alarmada aproximou-se, recebendo logo de seu patrão a ordem de ir ao quarto de D. Elisa para ver o que lá havia acontecido. Dirigindo-se ao aposento indicado, ao clarão da lampada que lá existia poude ver manchas de sangue fresco nos lençoes da cama onde D. Elisa, atravessada, devia estar morta.

Horrorisada deixara o quarto e, de volta à sala de jantar, onde seu patrão permanecia detendo o homem, lhe poz ao corrente do que observara na alcova de D. Elisa. Nesse momento ouvia os gritos de Lúcia que, da porta da rua, pedia socorro à vizinhança. Viu depois chegarem as primeiras pessoas que acudiram ao pedido de socorro e, mais tarde, os homens da Polícia avisados por Lúcia pelo telefone. Respondeu as ultimas perguntas que lhe foram feitas, deixando de assinar o auto por não ser alfabetizada.

A Mauricia, succedeu Lúcia a pupila que pedira socorro e atraira a vizinhança à casa do Caio, que era tambem a sua habitação.

Como a testemunha que a antecedera ouvira de seu quarto a voz de seu pai adotivo e acudira, justamente no momento em que ele enfrentava o homem que apanhara no interior de casa, dominando-o com o revolver. Perguntada em que idade passara a morar em casa de Caio Azevedo, contou sua historia: saira do Azilo a pedido do casal Azevedo com idade de catorze anos e na companhia dele, vivia havia cinco anos incompletos. Não conhecera pai nem mãe. Fôra azilada pelo padre da freguezia que a retirara de casa de uma senhora mundana que a criara de pequenina. Em casa do casal Azevedo fôra sempre tratada com especial carinho, tornando-se governante da casa quando Caio enviuvou.

Respondendo a uma pergunta habil do Juiz, disse que sua conduta era de todos conhecida. Nunca amara ninguem, nunca tivera um namorado sequer. Não conhecia o homem a quem o Juiz aludia, nunca o vira em parte alguma.

As outras testemunhas, recrutadas na população do bairro, pouco adeantaram de relação ao fato criminoso. Mostravam-se, todavia, consternadas pelo acontecido e, quando aludiam a pessoa de Cesar, não escondiam a dolorosa surpresa que lhes havia causado seu ato. Consideravam-no modelar, incapaz por seus antecedentes de cometer semelhante monstruosidade. Fôra, entretanto apanhado quási à pratica do crime, tornara-se por isso, repentinamente, um réo desprezível.

COSTA FILHO

ZÓZIMO LIMA

Como que estou a vê-lo, pela ultima vez há quatro anos, no Rio aonde me levava, para tratamento medico pessôa mais cara de minha vida.

Explosivo, diluvial, exuberante. parecia que a vida se lhe prolongaria por decenios, tal a força e a vitalidade que dele dimanavam.

A aproximação do outono da existencia não lhe diminuia o entusiasmo juvenil pelas coisas tocadas de beleza.

Continuava a ser o mesmo COSTA FILHO dos 18 anos, ardente, deslumbrado deante dos quadros da natureza, apaixonado sempre pelo perfil grego de uma mulher que, Sully Proudhomme artista interpretasse uma partitura de Saint-Saens, ou declamasse, com alma, uns versos de Sully-Proudhomme.

A sua vida, desde a adolescencia, foi intensa, em luta com a pobreza e a incompreensão dos poderosos que lhe moviam guerra surda ou aberta com o objetivo de obstar o movimento ascencional da intelligência.

Mas COSTA FILHO não era um fraco ou pusilanime que se arreceiasse das arremetidas dos invejosos e potentados. Ia sempre, metido na cota de malha da audacia e armado da durindana do talento, ao encontro do inimigo que se lhe apresentasse, para deixa-lo aniquilado.

Afiou as suas primeiras armas de combate, ainda estudante de preparatorios, na redação do "JORNAL DE SERGIPE", ao lado de

Antonio Mota o folliculario temibilissimo que pôs abaixo o topête de muitos figurinos politicos da epoca que se julgavam, escudados no poder, intangiveis nas suas caprichosas decisões.

E Costa Filho foi, no seu tempo, no periodo aureo de maior eferescencia politica e mental de Sergipe, a partir de 1904 e 1906, quando Fausto Cardoso agitava as multidões com o seu verbo magico e flamejante a serviço da libertação de que se tornara paladino em sua terra, a figura juvenil de maior repercussão nos prelios da imprensa e nos comicios populares.

Escreveu, em 1905, "ALMA DO SÓ" e "AMEM", sugestão de Guerra Junqueiro, poemas que seriam o inicio de grande serie adstrita ás escolas panteista, codoreira, ultra-romantica, naturalista, lirica, parnasiana e simbolista.

Costa Filho, na poesia, explorou todos os generos, sendo, pois, como se vê, ecletico, poliforme, de analise complexa nessas provincias da literatura.

Tinha Luiz José da Costa Filho lances e tiradas quixotescas. por isso que, um dia, surpreendeu os aracajuanos envergando a farda de major da guarda nacional, fazendo, a quem o interrogava, calorosa apologia daquela respeitavel milicia sem proventos de dinheiro, ao mesmo tempo que, postergando conceitos anteriores favoraveis ao socialismo da esquerda, recomendava, em folheto, obediencia aos postulados sagrados da Santa Sé. Afirmavam que ele pleiteava o titulo de conde papalino. Posteriormente as suas convicções filosofico-religiosas sofreram periodicas mutações.

Bacharelou-se, anos depois, em Direito, conseguindo vitorias inescuciveis no fôro sergipano. Foi advogado de nota, professor brilhante, orador de remigios condoreiros, conferencista disertado e atrahente, causeu de grande fascinação e, sobretudo, leal, sincero amigo.

Fui dos seus maiores admiradores. E talvez dos seus mais intimos camaradas nestes ultimos tempos. A nossa correspondencia epistolar é vasta e versa assuntos cuja intimidade o presente não os pode conhecer.

O meu querido Costa era um sentimental, um super-emctivo, escondendo, mais das vezes, naquella aparente despreocupação, angustias profundas que lhe torturavam o grande coração.

Em 1944, no Rio, não me faltou a sua assistencia constante e generosa.

Amava a sua terra e a sua gente como poucos. O seu exagerado, sergipanismo era conhecido de todos os circulos por êle frequentados,

principalmente na FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS, onde, nos dias de tertulia, esfusiava em cintilas de talento a sua *verve* singular.

Costa Filho julgava chegar aos 80 anos, dada a sua compleição robusta e ausencia de lesões, de que fazia praça. A convite do General Souza Doca, presidente da FEDERAÇÃO, da qual era secretario Costa Filho, fui, em companhia deste e do escritor Leoncio Correia, assistir, na primeira quinzena de dezembro naquele ano, à posse do grande educador e homem de letras Jonatas Serrano. A séde da Federação, ao 4.º andar do "Jornal DO COMERCIO", à Avenida Rio Branco, estava repleta de escritores dos Estados e do Rio. Costa Filho pronunciou, ao iniciar-se a sessão, brilhante oração gratulatoria aos confrades que acorreram áquela festa de intelligencia.

Paulo Medeiros fez a saudação protocolar em linguagem escoreita ao recipiendario. Jonatas Serrano, pallido, emocionado, com passo vacilante, galgou a tribuna e começou a lêr o seu trabalho, — primor de erudição. Parou um instante. Fechou um pouco os olhos. Foi-se-lhe tornando livida a face. A mão esquerda tateou debalde no espaço e no silencio. Fraquejaram-lhe lentamente as pernas. Cairam-lhe as tiras à proporção que, amparado, foi deixando a tribuna que ha poucos instantes subira para receber a consagração da immortalidade academica. Panico geral. Chamam a Assistencia com urgencia. E o notavel filosofo católico e eminente pedagogo desce, nos braços, pelo elevador, para, pouco depois, entregar a alma a Deus.

Digo, nervoso, ao Costa, que preciso ir ao medico examinar a minha tensão arterial, pois que, sinto aritmicas pulsações.

Ele, credulo, sem trair a emoção pela occurrencia lamentavel que acabavamos de assistir, asseverame seguro, que ainda viveriamos tres decénios !

Pobre e querido Costa ! Pobre e fulgurante idealista ! Grande iludido como todos nós que vivemos mais cerebralmente ! Nem mais um lustro lhe foi dado de existencia, aqui, na terra, que ele tanto amava. Foram-se-lhe todos os sonhos e encantamentos em que sempre viveu.

Apagou-se mais um facho de luz que iluminava as trevas da nossa crescente mediocridade.

O nome illustre do filho do ferreiro de Propriá, exemplo edificante de quanto póde a perseverança auxiliada pela intelligencia, jamais desaparecerá da recordação daqueles que o acompanharam com interesse na estrada aspera da existencia luminosa.

Os homens de espirito cristão e intelectualmente aristocraticos continuarão a admira-lo na perfectilidade de suas obras, ao passo que os maus e ignorantes nele verão apenas os defeitos de que se não pode eximir a humanidade.

Isto para que se não possa desmentir o conceito de Henri Jolly que afirma ser a tirania da mediocridade mais temivel do que a superioridade do genio.

Scientia non habet inimicum praeter ignorantem.



D. José Tomaz Gomes da Silva

AS HOMENAGENS DE SERGIPE Á MEMÓRIA DE DOM JOSÉ TOMAZ GOMES DA SILVA NO 30.º DIA DE SEU PASSAMENTO

Sessão magna da Academia Sergipana de Letras

À noite, precisamente às 20 horas, no salão nobre do Instituto Histórico e Geográfico, repleto do que de mais fino e representativo existe na sociedade sergipana, iniciou-se a magna sessão da Academia Sergipana de Letras, presidida pelo Prof. Magalhães Carneiro, que, inicialmente, convida a participarem da mesa de honra o Exmo. Sr. Governador do Estado, Dr. José Rollemberg Leite, o Exmo. Revmo. Sr. Administrador Apostólico, D. Fernando Gomes, o Exmo. Revmo. D. Avelar Brandão Vilela, Bispo de Petrolina, o Exmo. Sr. Presidente do Tribunal de Justiça, Des. Hunald Santaflor Cardoso, o Exmo. Sr. Prefeito da Capital, Dr. Marcos Ferreira de Jesus, o Exmo. Sr. Te.-Coronel João Tavares Filho, d. Comandante da Guarnição Federal e do 28.º B. C. aqui aquartelado, o Revmo. Vigário Geral, Mons. Carlos Costa, os Presidentes do Instituto Histórico e da Associação Sergipana de Imprensa, Dr. Garcia Moreno e Eliezer Leopoldino, Dr. Luiz Melo, Juiz de Direito da 4.ª Vara da Capital e o poeta Freire Ribeiro, um dos oradores da solenidade.

O Prof. Magalhães Carneiro, Presidente da Academia, em expressivas palavras, diz da razão de ser da homenagem ao saudoso Bispo D. José Tomaz, em torno de quem tece justos elogios. Seu discurso é ouvido com profunda atenção por toda a assistência.

O primeiro orador foi o Des. Hunald Cardoso, que, em linguagem simples mas elegante, apreciou a vida e a obra do grande morto, situando-a no tempo e no espaço como modelos de virtudes e de exemplos cristãos. Fluente como sempre, foi o provento magistrado alvo de significativos aplausos às suas últimas palavras.

O poeta Freire Ribeiro declama em seguida, “epinício”, magnífico poema de sua autoria, arrancando de princípio a fim estrepitosas palmas.

O Dr. Luiz Melo, terceiro e último orador, depois de fazer interessante estudo sobre religião e cultura traçou o perfil moral, mental e apostolico do nosso inesquecível Antistite, em meio ás incontidas ovações dos presentes.

Levanta-se, finalmente, o Sr. Administrador Apostolico, o Exmo. Revmo. D. Fernando Gomes, que exprime possuido de véra emoção, o agradecimento da Diocese de Aracaju, concitando os sergipanos á continuação da veneração da pessoa de D. José, através fervorosas preces, afim de que Deus nos conceda a suprema graça de um Bispo do quilate do nosso sempre lembrado pai espiritual. As palavras do insigne Principe da Igreja, atual gestor dos destinos da Diocese, causaram ótima repercussão sendo abafadas por calorosas ovações.

O Prof. Magalhães Carneiro, em agradecimento a presença de todos, encerra a memorável sessão, que teve a abrilhanta-la a valiosa colaboração do talentoso Prof. Genaro Plech, Diretor do Instituto de Musica, interpretando ao piano um lindo preludio, acompanhado ao violino por uma jovem maestrina, sua diletta aluna.

E, assim, foram encerradas as homenagens de Sergipe inteiro ao seu inolvidavel Pastor e Pai, D. José Tomaz Gomes da Silva, Bispo do Sagrado Coração de Jesus.

(Reportagem do “*Diario de Sergipe*” de 3 de dezembro de 1948).

Discursos proferidos na Sessão solene da "Academia Sergipana de Letras" realizada a 1.º de dezembro de 1948 em homenagem á memória de Dom José Tomaz Gomes da Silva, 1.º Bispo de Aracaju

ABERTURA DA SESSÃO PELO PROF. MAGALHÃES CARNEIRO,
PRESIDENTE DA ACADEMIA

Exmo. Sr. Dr. José Rollemberg Leite, d. d. Governador do Estado.

Exmo. Rev. Sr. Dom Fernando Gomes, d. d. Administrador Apostolico da Diocese e Bispo de Penedo.

Exmo. Revmo. Dom Avelar Brandão Vilela, d. d. Bispo de Petrolina.

Ilmos. Revmos. Cabido e Clero Sergipanos.

Exmo. Sr. Dr. Marcos Ferreira, d. d. Prefeito da Capital.

Autoridades Federais, estaduais e municipais.

Minhas Senhoras, meus Senhores, illustres consócios :

Creio não errar supondo que, por bons exemplos, exercem os homens verdadeira caridade e se mostram sensíveis às diretrizes divinas.

Que adiantará, penso, a pequenina moeda, o naco de pão que se atira à carencia dos nossos semelhantes, se muitas vezes o ato é praticado mais para que tenham a sensação da nossa abastança do que por um piedoso anseio dos nossos corações?!

Era naturalmente aos bons exemplos que o mestre dos mestres exortava os que o ouviam nos longos — curtos dias de seu ministério. Os ímpios, os irreverentes, os iconoclastas, não mal fazem só pelas ações com que diretamente pungem as suas vítimas. Nos exemplos que

dão de suas maldades. na negra emulação que promovem, está o veneno sutil que propinam.

Há na Biblia que permanece uma fonte de conhecimento e felicidade. uma passagem assaz expressiva. Quero referir-me áquele aforismo que admite ser mais facil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, que um rico entrar no reino de Deus. Foi talvez. pelo sentido literal deste texto evangelico que certas ordens primitivamente rigorosissimas adotaram em suas regras o voto de nada possuir além da corda e do hábito. Rigor excessivo de interpretação, meus senhores, pois que anatematizando o egoismo, o delirante apêgo aos bens materiais, o pai e o rei dos homens não fez. não fazia apologia da miseria que, como a demasiada abastança em mãos pesadas pode revoltar e entenebreceer os corações.

Dotemos de riqueza um homem réto que não se sensibilize à simfonia dos cabedais, e ele usará seus bens em bem fazer a si e ao próximo. Contrariamente, entretanto, enchamos de bens um outro comum que conceba e use a pecunia com um instrumento de tirania e de goso. e vê-lo-emos precipitar-se num abismo de jactancia. de injustiças e de ódios. E eis porque o mestre, no infuso de sua sabedoria, afirmava ser mais facil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, que um rico penetrar o reino dos céos.

Dom José Tomaz, certamente aqui trazido por um designio celeste. deu-nos exemplos magnificos em vasta escala. Ás pompos do principado preferiu a modestia da pobreza. Era preciso, dado que tão bem conhecia a dubiedade humana recusar o oiro que, porventura, lhe ofertassem poderosos para só aceitar dádivas dos pequeninos. Para aqui veio pobre e pobre quiz viver, cheio seu grande espirito de uma só paradoxal aspiração: — enriquecer Sergipe, dando-lhe tudo de que carecia à vitalisação da fé de todos os seus filhos.

Muito aproximado de Jesus Cristo. foi pelos bons exemplis, só pelos bons exemplos, que esse homem benemerito trabalhou aqui o seu officio. Grande por sua alta dignidade apostolica, grande por sua profunda illustração. grande pela inteiresa de sua alma, era de se o ver humilde e pequenino entre os humildes, na sua liberalidade de pai amantissimo para quem não existiam grandes filhos nem filhos pequeninos.

Consolidou. protegeu e guiou seu rebanho com mão inteligente. E foi por isso que Sergipe inteiro. ao apagar das luzes da vida preciosa de seu bem amado chefe espiritual, correspondeu a sua dedicação com manifestações ineditas na historia religiosa local e de que ninguém se esquecerá jamais.

Está aberta a Sessão. A “Academia Sergipana de Letras” pela voz de seus expoentes, reverenciará agora a memoria de Dom José Tomaz Gomes da Silva, 1.º e grande Bispo de Aracaju.

Pela ordem, concederei a palavra aos oradores inscritos:

Discurso do orador oficial dez. Hunald Cardoso

Exmo. Sr. Dr. José Rollemberg Leite, dignissimo Governador do Estado.

Exmo. e Revmo. Sr. D. Fernando Gomes, virtuoso e ilustrado Administrador Apostolico da Diocese de Aracaju

Exmo. e Revmo. Sr. D. Avelar Brandão Vilela, ilustrado e virtuoso Bispo de Petrolina.

Exmo. Sr. Presidente da Academia Sergipana de Letras.

Dignissimas autoridades civis e militares.

Nobres confrades.

Minhas senhoras e meu senhores :

Não sem causa justificada muitos ou quasi todos dos que aqui ora se congregam — sacerdotes e seculares, hão de ter ficado admirados de que, afinal tivesse recaído em mim, — máo redator de acordãos e despachos judiciais, na rotina profissional, a eleição para sêr o interprete dos consternados sentimentos e da vivissima magua da ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS, nesta expressiva homenagem de merecido louvor e indelevel reconhecimento em que, ao trigesimo dia do seu pranteado trespasse, vae essa instituição cultural celebrar os excelentes predicados, as excelsas virtudes e os grandes feitos de um operoso principe da IGREJA CATOLICA, o exmo. e revmo. D. JOSÉ TOMAZ GOMES DA SILVA, primeira bispo diocesano desta provincia eclesiastica, recentemente conduzido pelo anjo da morte, ao redobrar dos sinos e oferenda dos sufragios liturgicos, “no reino das sombras e dos enigmas” ao seio de ABRAHÃO, no sentido de aí, em recebendo copiosa recompensa, contemplar *facie ad facem* a verdade manifesta.

Tantos e tão reconhecidos valores conta a ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS, no seu luzido quadro social, muito mais indicados ao cabal desempenho do condicional mandato que estou a exercer, que eu proprio sou o primeiro a encabeçar a lista dos que receberam sob reservas essa indicação, desejosos de ouvir, neste *requiem* solene, em que as letras se associam à religião, numa colata comum, para exaltar a individualidade do eminente e venerando pastor desaparecido, uma

voz de maior ressonancia, um artifice exponencial da palavra, ornado de encantos que estou longe de possuir. um panegirista em suma, à altura do transcendente cometimento.

Não é minha, entretanto, a culpa. Ela incide, por inteiro e sem remissão, no illustre presidente da ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS, ao assim deliberar e insistir. colocando-me no difficil lance de ser impossivel desertar, sem que me fôsse imputado um desprimor.

Conciente das minhas deficiencias, e sómente por isso é que hesitei, aqui me encontro, todavia no especial objetivo de associar a intensa amargura da ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS à do povo catolico de nossa terra, nesta homenagem postuma ao seu preclaro guia e pae espiritual, o revmo. e exmo. sr. D. JOSÉ TOMAZ GOMES DA SILVA. tributando-lhe, ao mesmo tempo, à indelevel e cara memoria, os testemunhos da sua saudade, da sua reverencia, do seu apreço e da sua admiração, numa demonstração pública de quanto o estimava e queria.

Em verdade. Sergipe catolico acaba de perder, com o falecimento do exmo. e revmo. sr. D. JOSÉ TOMAZ GOMES DA SILVA o mais graduado e melhor dos seus servidores. aquele a quem competia guiá-lo e assisti-lo, spiritualmnte, neste mundo, afim de conduzi-lo à angra da salvação no porto. atravez de sua submissão e conformidade à lei de CHRISTO.

E está a sofrer a amargura desse golpe. ferido. nas cordas mais sensiveis do seu coração e da sua consciencia religiosa, ao desfalcar-se do seu primeiro bispo, cuja vida simples e exemplar, impregnada de amôr ao proximo. zelo apostolar e desdem das grandezas humanas. não teve senão a sublime ambição de devotar-se na plenitude de sua alta dignidade sacerdotal, ao aperfeiçoamento moral do rebanho de que era pastor esclarecido e infatigavel, a ponto de consumir, em seu beneficio. todas as energias físicas e psiquicas do seu privilegiado organismo. D

Alenceáda por essa excruciante forma. a comunhão sergipana. como uma só familia, de que esta associação é parcela ornamental, não hei de emitir aqui. em nome de nossas verdades literarias, presumidamente imortais, conceitos farisaicos, insinceros ou menos graves, mas os que resultem de madura reflexão, ainda que no infortunio que, em tão cheio, nos vem de atingir.

Assim é que não faltarei à verdade, ao acentuar que a alma sergipana. macerada e solícita, acompanhou a prolongada molestia que prendera ao leito o exmo. e revmo. sr. D. JOSÉ TOMAZ GOMES DA SILVA, deplorando a sua manifesta impotencia e o desvalimento de suas preces, no sentido de devolver-lhe a saude.

Testemunhou-lhe, destarte a todos os instantes, enquanto se lhe dilatavam, persistentes, os invencíveis sofrimentos, as mais reiteradas demonstrações dos seus acendrados e se bem que infrutíferos desvelos..

E ficou em suspenso, ao circular a desoladora noticia de que s. exa. revma., em suave agonia, que se esforçou por abreviar, recusando os recursos que a ciencia lhe ministrava, na luta por salva-lo. cerrava os olhos, desatando-se dos laços do cõrpo, em morte benigna, como verdadeiro bemaventurado que era.

Seus funerais, como tive o ensejo de verificar, neles tomando parte, como membro componente da representação do Tribunal de Justiça que tenho a honra de presidir, constituíram um dos mais tocantes e concorridos acontecimentos a que a cidade já assistira, sómente comparavel ás demonstrações de estima e veneração qu lhe fõram tributadas em 1946, por ocasião de suas *nozes d'or* sacerdotais, no conjunto das diversas solenidades então realizadas.

Neles, sobresaia, acima de tudo, a mais completa identificação do nosso amavel povo e do revmo. CLERO SERGIANO ao seu estimado guia e chefe espiritual, na sinceridade do pesar e das lagrimas que se escampavam em toda sas fisionomias, imprimindo, em todos os corações, dolorosissima emoção.

A julgar pelo numero de sacerdotes, eleitos pela SANTA SÉ. para o preenchimento de bispados e arquidioceses, saídos da Diocese de Aracaju, sob a eficiente e patriarcal governação do exmo. e revmo. sr. D. JOSÉ TOMAZ GOMES DA SILVA, tenho para mim que nenhuma outra provincia eclesiastica foi tão distinguida, tanto no Brasil, como em qualquer outra parte, com essa especalissima predileção, em lapso de tempo, relativamente curto, entre uma e outra nomeação.

Da nossa Diocese, nos 37 anos de sua instituição, até à presente data, fõram chamados ao principado da IGREJA : D. MANOEL RAYMUNDO DE MELO, para o de Caitité; D. ANTONIO DOS SANTOS CABRAL, para o d Natal e, depois, para o Arcebispado de Belo Horizonte; D. ADALBERTO SIMEAO SOBRAL, para o da Barra e, posteriormente, para o de Pesqueira e, ainda, para o Arcebispado do Maranhão; D. MARIO DE MIRANDA VILAS-BOAS, para o de Garanhuns e, a seguir, para o Arcebispado do Pará; D. JUVENCIO BRITO, para o de Caitité, quando D. MANOEL RAYMUNDO DE MELO o renunciou e foi eleito Arcebispo Honorario de Stobio; D. AVELAR BRANDÃO VILELA, para o de Petrolina e MONSENHOR ANSELMO PIETRULA, para a Prelazia de Santarém.

Tres desses esclarecidos principes da IGREJA, os exmos. e revmos. srs. D. MANOEL RAYMUNDO DE MELO, D. ANTONIO

DOS SANTOS CABRAL e D. ADALBERTO SEMIÃO SOBAL, integravam o COBIDO DIOCESANO, ao ser instalado, na CATEDRAL, em 1912, logo depois de ter sido instituída a *Diocese de Aracaju*.

A veneração a que fazia jús o exmo. e revmo. sr. D. JOSÉ TOMAZ GOMES DA SILVA, da parte de seus distinguidos colegas de episcopado, trouxe a Sergipe, nas festas jubilares de sua ordenação sacerdotal, sua eminencia o CARDEAL de S. PAULO, quatro ARCEBISPOS, — o PRIMAZ da Bahia, o de Belo Horizonte, o do Maranhão e o do Pará, além de outros prelados.

Sob sua influencia, fôram, na Diocese que dirigiu por 37 anos, renovados e ornados os templos antigos e construídos novos, afim de que, em sendo eles moradas especiais de DEUS, fôsem dignos de abriga-lo, sob as especiais sacramentais do cõrpo e do sangue de CHRISTO. Lugares santos, fóra do commercio, dedicados ao culto divino, dão os templos catolicos, não ha duvida, na sua majestade, perfeita ideia da civilização moral de um povo.

Instituindo o *Seminario Diocesano*, consagrado ao CORAÇÃO DE JESUS, multiplicou, entre nós, o numero de curas de almas, necessarios aos serviços de sua provincia eclesiastica e lhes concedeu dignidades, exigindo-lhes submissão e obediencia.

Porfiou em formar com eles uma milicia que se fizesse notada, por sua illustração, virtudes e operosidade.

E, não ha negar, é o *Seminario Diocesano* uma das mais importantes realizações do exmo. e revmo. sr. D. JOSÉ TOMAZ GOMES DA SILVA.

Sómente com o apontar os nomes dos sacerdotes illustres que lhe ingressaram os aditos, ter-se-lhe-á feito o maior e melhor elogio.

Ai estão, para atesta-lo, entre outros, os illustrados e dignissimos membros do CLERO SERGIPANO. PADRE DR. ALBERTO BRAGANÇA DE AZEVEDO. MONSENHOR CARLOS CAMELIO COSTA, CONEGO DOMINGOS FONSECA, CONEGO EDGARD BRITO, D. MARIO DE MIRANDA VILAS-BÔAS, D. AVELAR BRANDÃO VILELA e muitos mais, que seria longo enumerar.

Permita-se-me dizer que mesmo aqueles que, ali educados, não perseveraram, no exercicio das ordens religiosas, são, na sociedade sergipana, vultos de grande valor moral e intelectual e estão a esplender no magisterio secundario.

Tinha o revmo. e exmo. sr. D. JOSÉ TOMAZ GOMES DA SILVA irreductivel força de vontade, amenizada por indiscutida e notoria magnanimidade.

Deve-lhe a *Docese de Aracaju* o patrimonio que possui. Aqui chegando, em 1911, tudo teve de improvisar, como por milagre, para

crea-lo. A pobreza de meio não no entibiu; antes, o desafiou a uma ação imediata, intensa, confiante e proveitosa. Afóra os templos, disseminados pelas paróquias, muitos, então, em ruínas, a nova província eclesiástica nada tinha de seu, a não sêr as bênçãos do SENHOR, ao ocupar-lhe s. exa. revma. o sólio episcopal.

E, aos poucos, com a sua prodigiosa pertinácia e dinamismo, paciência e ardorosa fé, foi erguendo a majestosa massa de edifícios que, presentemente, se recortam para os céos e ocupam uma quadra da cidade, adquirida, pouco tempo depois de investido na sua alta dignidade diocesana, inteiramente núa, cercada a arame farpado.

Só depois de haver construído o *Seminario* e a ampla IGREJA que lhe fica anexa, é que tratou de edificar a *Casa do Padre*, transformada, depois, em modesto *Paço Episcopal*, vindo, afinal, a occupá-lo, durante muito poucos anos.

Se tivesse feito testamento, seria inteiramente negativo, pois quanto mais florescia a diocese, mais empobrecia o seu bispo; suas disposições de ultima vontade haviam de ser de tudo idênticas às do CARDEAL ARCOVERDE, em cuja cedula testamentaria se encontram apenas clausulas pertinentes à renovação da sua profissão de fé, ao agradecimento à TRINDADE SANTÍSSIMA, pôr have-lo encheido de benefícios, ao pedido de perdão a todos os seus Irmãos no episcopado e no sacerdócio ao seu perdão às ofensas recebidas e à declaração de que não poderia salvar-se, pelas suas próprias obras mas tão sómente pela infinita misericórdia do CORAÇÃO SANTÍSSIMO DE JESUS CHRISTO e na *expição*, por ELE oferecida na CRUZ, ao seu ETERNO PAE *dos nossos pecados*.

E' que o nosso prelado, como aquele santo varão não tinha bens materiais a legar e transmitia, exclusivamente, os frutos moraes do seu longo e afanoso ministério, expressivo exemplo a sêr imitado.

Se cuidava, com sublimada dedicação, de constituir o patrimonio material da sua diocese, não lhe relegava a segundo plano o esplendor espiritual e fê-lo, neste particular, desabrochar em messes opimas.

Rejeitando sua eleição ao Arcebispado do Maranhão e guardando lesse gesto o maior sigilo, bem testemunhava quanto queria por sua vez, a Sergipe, quanto se lhe achava radicado, quanto o estremecia e quanto lhe seria custoso dele desvincular-se.

No exercicio da jurisdição do seu nobilissimo e delicado officio de bispo, — “apascentar, insinuar, pregar, conseguir, castigar, excomungar e absolver”, inspirava-se nos principios da eterna sabedoria, que desce do alto, para que fôsse acatado mais como pai e defensor, que como chefe e superior hierarquico.

Não se enfunava em colera e a todos tratava, como se lhe fôsem

filhos, sem perder, na solução dos casos delicados e difíceis, o bom humor. O chiste inocente, intercalado a proposito, não lhe era estranho.

Sectario fervoroso da doutrina de que a IGREJA é totalmente independente do poder civil, na qualidade de representant e herdeira de JESUS CHRISTO sobre a terra, era estrenuo defensor da jurisdicção eclesiastica e não admitia a menor invasão ou intromissão do poder temporal, nas suas atribuições. Só ele, na sua diocese, foi o legitimo depositario do poder jurisdiccional da IGREJA, enquanto as energias lho permitiram.

No ministerio pastoral, ante o rebanho que lhe fôra confiado, difundia, pela palavra, com a segurança do varão biblico, profundamente versado na historia sagrada e na historia profana, os preceitos da lei divina, nele refulgindo como eloquente orador sacro, apesar de não aimentar a menor vaidade literaria.

Festejando-lhe o aniversario natalicio, em 1916, meu Pae, o professor BRICIO CARDOSO, em artigo publicado no *Diario da Manhã*, naquela epoca, assim se referia a s. ex. revma. : “Padre, não atraicção a sua missão celeste, honra o baculo e a mitra; a seu lado, digo, servindo-me de palavras de MANTEGAZZA, — “sente-se fortissimamente a fascinação que os espiritos superiores e os caracteres exercem”. Alegria e conforta estar ao lado dele; porque a sua predica eloquente tem reminiscencias do Sermão da Montanha, é a homilia da Fé e da Caridade, desprende os consoladores efluvios da santa esperanza. Quem lhe ouve as sabias orações, sente-se renovar e erguer-se à contemplação das coisas divinas. Se não dissesse isto, lhe roubaria o melhor dos seus direitos, mentiria a mim e à justiça”.

Exegeta de pulso, com experiencia haurida na cathedra, era muito versado no direito civil e no direito canonico, na teologia dogmatica e na moral, conhecia as artes mais nobres e delas tirava subsidios preciosos, para compor e ornar as manifestações da sua autoridade. Grandiloquente e persuasiva era-lhe a loquela.

Sabia, assim, como o SANTO PADRE BENTO XIV, que o direito canonico e o direito civil mutuamente se auxiliam, e aquele que desejar senhorear o primeiro, deve dominar o segundo.

Das suas letras canonicas e da sua doutrina de teologo eminente, ressumavam, assim, o mais puro zelo do bem comum e honra da IGREJA.

Esse o magno sacerdote que nos foi, em idade propecta, arrebatado pela morte, — termo fatal da vida humana, calmo anseio dos que não a temem, sono de que se despertará no JUIZO FINAL, ao som das trombetas que o anunciarão.

São estes, em rápida síntese, os documentos históricos que, no tribunal da posteridade, hão de constituir-lhe o processo da existência simples e dinâmica, modelar e edificante.

Dele, em suma, se pôde dizer, como consta do epitáfio que a *Universidade de Coimbra* mandou insculpir, na sepultura de FREI LUIZ DE SOUTO MAIOR: — “deixou-nos, morrendo, um vivo retrato de santidade, qual em vida soube adquirir e sustentar, seguindo e servindo a DEUS”.

CANTICO AO PASTOR BEM AMADO

poema recitado pelo academico Freire Ribeiro na sessão do dia 1.º de dezembro, em comemoração do 30.º dia do passamento de D. José Tomaz Gomes da Silva.

J. FREIRE RIBEIRO.

Quando a Aurora no Céu, maravilhosa,
rasgou da Noute o véo e o Estrêla d'Alva,
tremeluziu, qual perola formosa
no cofre astral das nuvens opalinas...

Quando na Terra, os sinos, sentinelas
do Além, anunciaram
na vibração das notas tagarelas
o sorrizo do Sol, pelas matinas...

Ele, o Bom Pastor, sereno e calmo,
da terra se partiu para o Infinito,
para o esplendor das regiões divinas!...

Outrora, em dias outros, nessa hora
em que no Além se abre a Flor da Luz,
D. José Tomáz, piedosamente
orava a Deus por nós, contritamente,
diante dos altares de Jesus!...

Assim quis o Senhor tambem chama-lo
vendo a su'alma da pureza irmã,
para a Missa da Paz que é celebrada
nos Mosteiros do Azul, pela Manhã.

Quis que ele fosse, d'alma iluminada
e conduzisse ao célico redil,
as estrêlas que são pelas alturas
as almas mais sagradas e mais puras
que rezam pela paz do meu Brasil!...

Mas meus senhores se repouza o corpo
do Santo Bispo, do Pastor Amado
no silencio da nossa Cathedral,
seu Espirito augusto se irradiã
fazendo desta noute um claro Dia.
um Poema de Fé, — canto imortal!...

Espirito-bondade, singeleza,
sabedoria, amor e coração.
a riqueza sem par dessa pobreza,
a pobreza maior dessa riqueza
que fez de D. José, de S. Francisco
um piedoso Irmão!

Bondade e coração! Sublime exemplo
do seu inesquecível Apostolado
que fez de D. José, um justo orgulho
do nosso americano Episcopado.
Principe eterno dessa Eterna Igreja,
sôb as benções de Deus, Nosso-Snhor,
jamais deixou da altura do seu trono
seu cajado de Pai e de Pastor.
Querido D. José!...

Dos Altos Mundos,
dêsses reinos astrais, dessa amplidão
onde Jesus acende a alma do Dia
na Luz do seu Amor e do Perdão.

— recebei, na saudade estremecida,
o carinho que de nós sempre tereis.
D. José! D. José! Jamais ausente,
no coração da Patria Sergipana
vivo e presente sempre vivereis!..

Discurso do acadêmico dr. Luiz Pereira de Melo na comemoração do 30.º dia da morte de D. José Tomaz Gomes da Silva.

Meus senhores :

Convidado pelo Excelentíssimo Sr. Presidente da Academia Sergipana de Letras, aqui estou, a juntar o murmúrio da minha vós, aos brados evocativos e saudosos com que o povo sergipano exteriorisa o pungir que lhe fere a alma pela morte do nosso D. JOSÉ.

Trinta dias hoje que Sergipe inteiro, chorava inconsolável a perda do seu venerando Bispo.

A romaria ininterrupta dos fieis deante do seu esquife, por entre o marulhar de lagrimas e o arfar tristonho dos soluços, foi bem uma demonstração deslumbrante de reconhecimento e gratidão.

Tenho bem nitido em minha lembrança, como uma visão beatífica, aquele quadro: — “o Justo, a dormir o seu ultimo sono, tendo a emoldurar-lhe o rosto, sereno e imperturbavel, os cabelos enevoados nas lutas e nos sacrificios da longa caminhada.

Hoje, já não vejo a figura serena e querida do venerando Pastôr.

Os meus labios, já não podem oscular aquelas mãos complacentes sempre prontas a se erguerem para a benção do perdão!

Os meus ouvidos, já não ouvem aquela vóz paternal e amiga, a estimular para o bem, ou a confortar as penas da vida.

Mas sinto o poder dominante da sua presença a reviver nas benemerencias de suas obras.

Porque passam as creaturas, mas os seus empreendimentos ficam, a atestar as gerações vindouras, a imperecibilidade das suas ações.

A Academia Sergipana de Letras, não podia deixar de associar-se ás homenagens de saudade e veneração que hoje são tributadas a D. JOSÉ.

E' o preito da intelectualidade de Sergipe, a cultuar a sua memoria, numa demonstração espontanea do harmonioso tódo que deve

existir entre estas forças que se buscam e se completam. — Religião e Cultura.

Religião, faról resplendente que guia o homem preparando-o para os misterios sublimes da morte.

Cultura, luz que ilumina o homem instruindo-o nas grandezas da Vida.

“Só espiritos pecos admitiriam antagonismo entre a fôrça invencível do progresso e a obra eterna da religião”.

A Igreja será, em todos os tempos, a Mestra suprema dos homens.

Foi ela quem “salvou os restos da civilização pagã, chegados até nós, graças a seus copistas, foi a primeira educadora da juventude nas escolas medievais; ela escreveu as obras que serviam de base à educação da juventude dos tempos posteriores, ensinou os reis, desde Carlos Magno até hoje; civilizou nos países de missões aos pobres e indigenas; formou nos países cultos institutos religiosos exclusivamente dedicados ao ensino; defendeu sempre sua missão educadora quando Estados ateus a quiseram despojar; e a historia da educação é brilhante argumento apologetico para a Igreja de Jesus Cristo”.

O magisterio verdadeiro e infalível, tem sido no desenrolar dos seculos, função maravilhosa da Igreja.

Por sua iniciativa, fundam-se universidades e institutos científicos e culturais a prosseguir sempre a sua missão educadora.

E’ que ela vae sempre “ao encontro de todas as atividades e as polariza, ao de todos os povos e os irmana, ao encontro de todas as idades e as agrega no amor, para construir o Côrpo Místico de Cristo na terra primeiro, e depois na eternidade”.

William, já chamava a Igreja de Igreja docente.

E são mutaveis e ficticios os conhecimentos que fogem dos principios de Cristo — “a Verdade e a Vida”.

Infelizmente, porém, o materialismo e o indiferentismo religioso fazem com que o homem busque só na natureza soluções para os seus problemas. E o que vemos é o descontentamento, o afã de agarrar-se numa tabua fragil qualquer, a temer a quéda.

Sempre a ansia de uma cousa superior, que lhe esclareça a verdade, encha o vasio do coração e afugente a tristeza que lhe crucia e martiriza.

O brado eloquente que exclamou Santo Agostinho em Hipona, é o grito sincero que este povo que sofre deve repetir: “Senhôr inquieto está o meu coração até que descansa em vós”.

Mas a humanidade é surda aos apêlos inconcientes da alma a suspirar pelo céu.

O odio, a ambição, a violencia, continuam como nuvens sombrias a ameaçar o mundo.

O espectro de uma nova guerra surge ameaçador. dos escombros da hecatombe, que ha bem pouco tempo inundou de sangue e de lagrimas os povos e as nações.

Nesta hora de desanimos e apreensões, só a Igreja, continua unice e imperecível, ao oferecer aos seus filhos o refugio da sua sombra!

“Por não corresponder aos seus ensinamentos e não atender aos seus apêlos a humanidade sofre as supremas miserias desta hora”.

Ela a fortaleza da verdade, continua firme e inquebrantavel, na sua missão salvadôra.

Pondo “na morte o segredo da vida, nas agonias a segurança do alivio, sobre a frente que baixou, a benção que levanta, no sofrimento, a promessa do refrigerio, no desespero a reabilitação na dôr a alegria, no tumulto dos mortos a saudade conformada dos vivos, e sobre o silencio dos cemiterios adormecidos, estende a certeza da madrugada que vae romper”.

Meus Senhores :

Grandes são as virtudes que vencem a propria morte.

Sim, pois a beira da campa já não existe compensação material que justifique laudatorio imerecido.

Então, o decantar dos dons constitue, apenas, a Justiça da posteridade.

Sergipe, a reverenciar hoje a memoria de D. JOSÉ, está a ressaltar a grandeza ilimitada de suas virtudes, iluminadas ainda mais pelos resplendores da Eternidade.

Quem o viu na sua simplicidade encantadora, quem contemplou o perpassar de sua vida simples e santa, não hesitava em afirmar que era um Justo.

Aquí chegou aos quarenta anos, em todo o esplendor da sua maturidade.

Fiel ao sentido magnifico da sua vocação, mobilizou as fôrças espirituais da Diocese recém-criada, com o ardôr fervoroso do seu apostolado!

Pleno de energia santa vivificada em Cristo, realizou um vasto plano de benemerencias grandiosas, que vieram dar expansão ao reinado de Jesus Cristo.

Servo amantissimo do Coração Sagrado de Jesus difundiu entre a nossa gente o seu entusiasmo.

Sob o influxo do zeloso Pastôr, em breve, em todas as Paroquias da sua Diocese imperava o apostolado da Oração.

O problema das Vocações Sacerdotais, mereceu também, do querido Bispo, especial atenção.

Foi o fundador do nosso Seminário:

“Posto pelo Espirito Santo para reger a Igreja de Deus, com a fôrça do seu exemplo, com o vigôr da sua palavra, com a influencia da sua virtude, ele iniciou a muitos nos vãos eternos”.

Com carinho especial zelou pela formação sacerdotal dos seus seminaristas. Eram os seus filhos espirituais que muito em breve levariam pelas terras de Sergipe a palavra da Igreja no glorioso encargo da salvação das almas.

Do seu seminário partiram glórias luminares do clero nacional.

E trinta e cinco anos viveu D. JOSÉ dedicado inteiramente ao seu episcopado.

Foi apóstolo pela ação e pelo exemplo.

“Fez com que os homens vendo as suas boas obras glorificassem o Pai que está nos Céus”.

Modesto e prudente, bom e humilde, ministrou-nos o ensino edificante do desprendimento e da renúncia.

Nunca se prevaleceu do poder ou do prestígio para obter favores.

Mas amigo de todos e insensível às contingências humanas viveu para Deus e para a Igreja.

Está ahí, talvez, o segredo da atração que emanava da sua pessoa.

Mesmo aqueles que se mostravam adversos ou infensos à religião católica, confessavam o poder assombroso do seu facinó e contemplavam com respeito e admiração a sua vida e a sua obra.

Pronto sempre para servir a todos, distribuiu indistintamente o clarão resplandecente da luz divina, vivificado no luzeiro sobrenatural da sua Caridade. Inteiramente consagrado aos afazeres da sua Diocese. O tempo, encaneceu-lhe os cabelos e enrugou-lhe o rosto mas, não conseguiu arrefecer o entusiasmo do Pastor na dedicação às suas ovelhas.

Fortalecido na sua fé e nos esplôndores do seu sacerdocio, buscou sempre e continuamente almas para Deus.

O que mais atraia em D. José “não era apenas a sua fé ardorosa, a sua piedade, a sabedoria do seu governo” e sim, a sua bondade.

O traço mais expressivo do seu fértil Apostolado, foi, sem nenhuma dúvida, a Bondade.

“Mais firme que a fé inconcussa em seu Deus, mais robusta que a esperança nas suas promessas, era a caridade que flamejava no coração do amado” Bispo.

“A quem contemple a sua privilegiada natureza o que mais impressiona e fere, o que logo ressalta e transluz, é o harmonioso equilíbrio entre a nota fundamental do seu espirito — a elevação — e o traço primordial do seu carater — a Bondade”.

O que se destingue entre os homens, “não é tanto a realeza da intelligencia, quanto à alteza do coração. O espirito conhece, o coração elege, o espirito pensa o coração realiza”.

A Bondade foi sempre a divisa principal de D. JOSÉ. Na verdade “o Ministro de Deus tem de ser bom, invencivelmente bom para que a sua ação frutifique”. Já afirmaram que a bondade converteu mais pecadores do que a eloquencia e a ciencia juntas”.

Crendo na Verdade e amando como ninguem o seu proximo, D. JOSÉ foi o Bispo da BONDADÉ.

Acolhia a todos sem distincão de classe.

Teve sempre para os humildes uma palavra de carinho. Era amigo dos ricos e dos pobres. É que ele também foi pobre, pois desdenhou sempre os bens materiais em meio ao tesouro imenso da sua riqueza interior.

Em sua Diocese pobre e pequenina, ergueu bem alto o estandarte da caridade.

Ninguem o buscou em vão.

A sua liberalidade era conhecida e proclamada. Sempre a acolher os que se acercavam da sua porta.

A semelhança do Bom Pastôr não hesitava se fosse preciso, em penetrar no espesso da mata, para recolher a ovelhinha transviada.

“Nunca aos aflitos cerrou os ouvidos e as mãos. Para ele, o bem a cima de tudo, o bem pelo bem, o bem por todas as formas, a todas as horas, em toda parte, sempre o bem e só o bem”.

.....

Venerando a memoria de D. JOSÉ, não podemos deixar no esquecimento, a feição especial que tinha a Sergipe.

Depois do amôr Divino, em o qual animava todas as suas ações, foi o nosso pequenino Estado, o afeto predileto do seu coração bonissimo.

Deu-se a Sergipe sem reservas, com a generosidade imensa das grandes amizades.

Identificou-se de tal modo a alma da gente sergipana, que recusou sempre Arcebispados importantes, que lhe foram oferecidos com insistencia.

E' que vaidades e ambiçõe não existiam naquele coração amantissimo, todo consagrado ao bem e a felicidade dos seus diocesanos.

Recebeu Sergipe como uma dádiva preciosa do céu e a ele consagrou sem medidas, a imensidão do seu carinho e a grandeza das suas energias.

Viveu, a realizar a sua grande obra de assistência espiritual, moral e social. Todo entregue a nobre missão de reavivar nas almas a lembrança de DEUS!

E teve a morte dos predestinados. Em que o sofrimento assegura de antemão, a conquista dos esplendores do céu.

D. JOSÉ, soube também conquistar com a bondade e com o coração, o respeito e a amizade de todos os sergipanos.

“Mesmo os que vivem fóra da Igreja, não lhe podem recusar o preito de veneração porque, numa quadra de prepotencias, de vaidades, de presunções, ele era mansidão, todo modestia, todo humildade. Fazia ponderada. Foi ele desses que vieram ao mundo com o condão de vencer pela brandura. A oração foi a sua arma mais poderosa. O seu apostolado era mais de perdões que de reprimendas”.

Perdoar, foi, incontestavelmente, a faceta mais luminosa do seu apostolado.

Fez do confissionario o seu trono predileto, onde estava sempre pronto a ouvir em confissão as suas ovelhas desgarradas.

E com a benção do seu perdão, confortou diariamente uma imensidão de almas que sentiam de perto, os efluvios da sua BONDADÉ.

Querido por seus diocesanos, o seu sepultamento foi uma apoteose!

Nele desfilaram ricos e pobres, brancos e pretos, velhos e crianças. Todos os seus filhos espirituais, que com olhos marejados de lagrimas, foram receber a ultima benção do querido Pastôr.

E a prova da dedicação de sua gente, teve D. José, por ocasião do Congresso Eucarístico Diocesano quando recebeu a glorificação deslumbrante e magnifica do povo sergipano.

E' que D. JOSÉ se tornou um patrimonio de Sergipe, que cultuará em todas as épocas a sua memoria, com profundo respeito e sagrada devoção!

A sua alma voou para a imensidão dos céus, a receber a recompensa de DEUS. E o seu corpo ficou na crípita da nossa Cathedral “como o de um pai carinhoso, que ainda feito pó, ainda feito cinzas, se alça, se ergue, entre os filhos a dizer-lhes para tranquilisa-los:

Não temais. Aqui estou velando por vós!”

1.º PRÊMIO. NO CONCURSO DE CONTOS LITERÁ-
RIOS, INSTITUÍDO PELA ACADEMIA
SERGIPANA DE LETRAS

Samba, Negro

CELSON OLIVA

Naquela noite não tinha mesmo para onde ir.

Então saiu à-tôa, sem rumo certo, metido na sua roupa nova de brim listrado, o chapéu enterrado até os olhos, o cigarro apagado no canto da boca.

Passou pelo Parque, subiu a rua de Itaporanga, foi até a Caixa d'agua...

A noite estava clara e fresca e do chão subia um cheiro penetrante de terra molhada.

Lá de cima pôs-se a olhar a cidade, aquela hora já tão quieta, com suas luzes tremeluzindo dentro da noite, enfileiradas, como um estranho exército de vagalumes.

De longe, trazido pelo vento, o barulho surdo do mar...

Biano lembrou-se da Palma onde nascera. O barulho do Piauí quando estava enchendo.

Para o lado das Oficinas uma cuica roncava...

Era como se fosse um exquisito resfolegar de um animal no cio.

Enchendo tôda a baixada e subindo até ele, o ritmo selvagem de um samba, que a distância fragmentava:

“Samba, negro
Branco não vem cá”

Perdia-se por um instante mas logo voltava mais forte e vibrante:

“Pau há de levar
Pau há de levar”.

Biano acendeu o cigarro, puxou uma tragada profunda e foi direto para lá.

Com forte piparote arremessou o cigarro no ar e aumentou o passo.

Sem perceber, ia pisando com fôrça o chão e gingando o corpo sob a cadência da música.

Chegou...

Era um imenso terreiro de terra bem batida, entre mangueiras frondosas.

Quatro ou cinco candieiros fumarentos. Um negro musculoso, com o dorso nu, vibrando com fúria a cuíca. Uma velha gorda, esparramada numa cadeira de vime, um charuto na boca, batendo as mãos e guisa de acompanhamento. Um molecote derreado num cavquinho.

Um cheiro de suor, de fumo e de cachaça...

— Enfeza macacada, dizia o negro da cuíca.

E em meio da fumaça e do pó que subia turvando os candieiros, vinte ou trinta pessoas de côr num volutear desabrido, num canção selvagem :

“Samba, negro
Branco não vem cá.
Se vier,
Pau há de levar”.

Biano pôs-se de parte, espiando, as narinas dilatadas, os nervos tensos num súbito acordar de velhos sentimentos...

A cuíca parou.

A velha gorda começou a distribuir cachaça. Aqui e acolá se ouvia um saboroso estalar de língua.

—Cuidado, gente, é só para esquentar!

—Toma um gole, menino.

—Não, dona, obrigado, disse Biano.

A velha pôs as mãos nos quadrís, admirada.

—Sê besta ! que tem você que não bebe?

Biano pegou no copo e virou.

A cuíca voltou a rosnar...

—Cai no samba, rapaz.

Biano bem que estava com vontade...

Uma negrinha bem moça chegou sapateando para junto dele. Pôs as mãos nos quadrís duros e buliçosos. Aproximou o rosto como se quizesse beijá-lo, recuou coleando o corpo.

Depois fez uma volta em torno, olhando por cima do ombro e mostrando os dentes muito brancos, num sorriso provocante.

Tornou a se chegar.

Devagarinho. Devagarinho.

Os quadrís rebolando, os braços agora jogados para traz pondo em relêve os peitos tesos, que tremiam como se quizessem rasgar o casaco de chita.

Aquela postura era como se fosse uma oferta de posse !

Biano tinha os olhos brilhantes !

Por fim a neguinha o agarrou por um braço e ele lá se foi.

A cuíca roncava dentro da noite enchendo a baixada...

“Samba, negro
Branco não vem cá

.....
.....
.....

Era quase manhã...

No bojo da noite que morria, os grilos eram como o escape de uma imensa caldeira.

O hálito da terra era fresco e puro como uma virgem quando sai do banho.

Agora tudo dormia

O batuque emudecera. Os negros, cansados, tinham ido embora.

Biano e Julita haviam saído juntos, mas não foram para casa.

Foram andando, enlaçados, pelo caminho. Depois tomaram uma vereda. Pararam adiante.

E ali, na areia úmida, sob o tecto imenso de um céu sem estrelas, se amaram.

Um amor violento de animais sadios...

Depois, estirados de costas, com as mãos sob a cabeça, ficaram imersos numa suave modorra até que lá longe a copa das árvores começou a aparecer esfumada na claridade baça do dia querendo nascer.

.....
.....
.....

Passaram a morar juntos...

De dia saía cada qual para o seu trabalho. De noite se amavam agora sob o tecto humilde de uma casinha de palha.

Os dias se diluíam assim.

Dois meses se tanto...

Uma vida simples, anônima, sem complicações. Uma vida feliz

Nenhuma esperança pela frente. Nenhuma trinteza para traz.

Vida que esquece o passado e não pensa no futuro.

Vida que é só a hora presente sem artificialismo e sem desejos impossíveis, buscando o que de bom pode dar, mas só colhendo aquilo que está ao alcance da mão.

Dois meses se tanto...

Um dia quando Bianco voltou, encontrou a porta fechada, com a chave para o lado de fóra !

Abriu surpreso ! Estava vazia !

Procurou na sala. Procurou na camarinha. Foi até o quintal. Perguntou aos vizinhos.

Ninguém tinha visto Julita !

Acocorcu-se, então, à biqueira da casa, pitando um cigarro, esperando.

Sete horas bateu o relógio do Mercado, oito nove nem sinal !

Por fim entrou, acendeu o fogo, fez um pouco de café, que sorveu devagar, sem pressa, soprando o pires equilibrado na ponta dos dedos.

Depois entrou novamente na camarinha, remexeu o catre, suspendeu a esteira apanhou qualquer coisa, que guardou com cuidado.

Afinal saiu, o chapéu enterrado até os olhos, o cigarro apagado no canto da boca.

Um pressentimento animal guiava !

Passou pelo Parque, subiu a rua de Itaporanga chegou à Caixa D'agua.

De lá de cima, como da outra vez, ouviu, fragmentado pela distância, o ritmo cavo do batuque.

O cançã estava formado...

Desceu.

Lá estavam o negro musculoso da cuíca, o molecote do cavaquinho, a velha Bazú esparramada na cadeira de vime, batendo as mãos.

No meio do terreiro, de mãos dadas com um preto entroncado, estava Julita sapateando num desafogo, num requebrar lúbrico, numa fúria de alucinada !

O pó subia do chão turvando a luz indecisa dos pinimas fumarentos.

Biano postou-se oculto na sombra, imóvel como uma estátua, o cinar coruscante.

O samba se adensou dentro da noite...

De vez em quando um par se afastava do grupo e se perdia no escuro.

Agora a cuíca resfofara mais lenta. O batuque tinha ritmo cansado, quase triste.

Membros entorpecidos, corpos molhados de suor, cabeças pesadas como chumbo.

Julita se afastou também, pela mão do preto entroncado.

Biano acompanhou-os de longe, furtivo deslizando confundido nas sombras mais espessas das árvores.

O par estacou adiante, como que indeciso, por um momento, depois entrou no mato por um atalho.

Biano não os perdia de vista. Seu coração saltava descompassado dentro do peito. A mão crispada no cabo da faca !

Pararam.

Um sussuro abafado de vozes, um estalar furioso de beijos, dois corpos como se fosse um, que tombam enlaçados na areia...

Rápido como um demônio, Biano salta sôbre eles e golpeia com raiva, golpeia como um pcesso !

O homem caiu para um lado, de borco, estertorando, num gargarajar sinistro !

Julita endireita-se, apavorada, a voz presa na garganta, os pés presos no chão !

Reconhecendo o agressor, agarra-se as suas pernas, numa súplica:

Perdôe, nego, tenha pena...

Biano desceu a arma, num golpe certo brutal ! A negrinha tombou exangue, sem gemido !

Durante um momento Bianco esteve ali com os olhos esbugalhados, como sob a ação de uma hipnose !

Depois começou a rir ! Um riso convulsivo e histérico...

Por fim os dedos afrouxaram e a arma caiu.

E saiu arrastando os pés, sem rumo, sem destino, o tronco acurvado, os braços pendentes do corpo como trapos, a caminhar trôpego como um ébrio !

Foi aumentando os passos aos poucos e pôs-se afinal a correr.

Corria como um louco. Como se todos os demônios do Inferno lhe fossem ao encalco !

Seus passos ressoavam no chão como se ele fosse um imenso tambor.

Exausto, cambaleante, caiu pr fim, crispando os dedos na terra, num pranto convulsivo.

De longe, fragmentado pela distância o vento trazia o ritmo cansado do batuque :

“Samba negro
Branco não vem cá”.

.....

.....”

Setembro de 1948.

UMA CONSCIÊNCIA NA NOITE

(2.º Prêmio)

JOSÉ ANTONIO NUNES MENDONÇA

Sentia que aquela frieza lhe fazia mal.

Mas, o que iria fazer? Há algumas semanas estava sem um "niquel" e para ser franca, para falar a verdade, poderia dizer que passara fome, fome mesmo, de verdade.

Ninguém a queria mais. Todos já sabiam *daquilo*. Os homens tinham medo dela e, além disso, a doença lhe reduzira aponto de não inspirar desejo a homem algum.

Doença miserável, aquela. Levaram-lhe até os seios, aqueles peitos bonitos de que os homens gostavam tanto.

Tossiu.

Aquela frieza era horrível. Não tinha, porém, outro jeito. Precisava arranjar dinheiro fosse lá como fosse. Estava com fome. E necessitava pagar o aluguel do quarto.

Começou a chover. Uma chuvinha fina, fria, impertinente.

Passou a toalha em volta do pescoço e recuou um pouco.

Perto, duas mulheres conversavam. Suas vozes chegavam-lhe distintamente ao ouvido.

— O Maneca comprou o cabaré de Laranjeiras, soube?

— Soube. Ele até me chamou pr'a lá.

-- Vai ?

-- Não sei ainda. Tou gostando aqui de um rapaz. Você conhece êle. Empregado na *Leste*. Aquele que tava comigo domingo, sabe ?

Cabaré ! Também ela já fôra chamada muitas vezes e até mesmo rogada, adulada. E gostava do cabaré. Gostava para esquecer, para afogar a tristeza, para fugir da realidade e de si mesma. A música, o samba o alcool, o deboche, tudo aquilo lhe excitava, lhe fa-

zia delirar, esquecer. Sentia, entretanto, que aquele ambiente não era o seu. Frequentava-o como se nele buscasse um derivativo para os seus sofrimentos.

As mulheres continuavam conversando.
Longe, os guardas noturnos apitavam.

Telma lembrava-se da primeira vez que fôra ao cabaré, alguns meses depois que *êle* a infelicitara. Onde estaria *êle* àquela hora? Talvez estivesse em casa, na cama, nos braços da esposa, dormindo despreocupado, tranquilo, indiferente... Importar-lhe-ia saber, por ventura, que ela, uma das suas vítimas, naquele momento, naquele instante amargurado, estava recostada a um portal, doente, com fome, com frio, triste, desenganada pelo médico, desiludida pela vida, sofrendo, esperando que passasse algum homem para amar, talvez pela última vez?

Sentia a morte se aproximar. A morte a assombrava. Seria possível que moresse tão nova, Não se conformava. Achava impossível a resignação. Deixava-se dominar pela volúpia do desespero. Decididamente não podia se conformar. Onde a casa, o marido e os filhos que sonhara? Onde o amor puro, o grande amor que sempre desejara?

Duas lágrimas quentes saltaram-lhes dos olhos e escorregaram pelo rosto frio.

Seu pensamento começou a vagar. Recuou à infância. Lembrava-se do catecismo e do padre João. A meninada sentada nos bancos bichados da velha Matriz de sua terra, ouvindo as explicações do catecismo, aos domingos. O padre João, já velhinho, contando histórias bonitas, de santos, de milagres e do céu. Depois a bênção do Santíssimo e a garotada cantando o „Com minhão mãe estarei...”

Recordava-se de uma colega mais velha, que vivia eternamente triste. Um dia ela perguntara ao padre João:

— Padre, se Deus quizesse todo mundo era feliz, não era?

Claro, minha filha. Deus é Todo Poderoso.

— E por que *êle* não fez todos felizes, padre? O senhor não diz que *Êle* é tão bom?

O padre João dissera qualquer coisa sobre Adão, o pecado e a Misericórdia de Deus. Ela, porém, insistira, perguntando se Deus, ao criar Adão, não sabia que *êle* iria pecar e, se sabia, porque o havia criado assim. Não se lembrava da resposta do padre João. Recordava-se, entretanto, que, naquele dia, *êle* saira apreensivo e esquecera de distribuir os cartões para os prêmios do fim do ano.

Seria, então, pelo pecado de Adão que estaria sofrendo? Não compreendia. Sabia, apenas, que nunca fôra má. Pelo contrário,

seu coração abrigava sómente a bondade e o amor. Não podia, portanto, compreender a Misericórdia de Deus face ao seu sofrimento.

Enxugou os olhos úmidos e abafou um soluço. Abafou também um pensamento de dúvida: — *existe mesmo um Deus?* Abafou porque tinha medo de duvidar da sua existência.

A figura de sua mãe, velhinha lhe veio à mente. Uma santa, a sua mãe. Boa como poucas. Se ainda vivesse, como sofreria com a desgraça de sua filha! Certo que não a condenaria. Telma tinha a certeza de que nunca fôra, apesar de prostituta, indigna do amor de sua mãe. Sentia e sabia perfeitamente que era melhor, muitíssimo melhor, do que muitas que a sociedade abraça como mulheres virtuosas.

A chuva passara.

O relógio da vizinha badalara onze vezes.

As mulheres já se tinham ido.

A rua estava deserta.

Não valia a pena estar mais ali. Nada conseguiria mais. Seria preferível entrar. Deixaria passar aquele homem que vinha — ela o avistara de longe — e entraria.

— Que é que tá fazendo, beleza?

— Nada.

— Já é bem tarde. 11 e pouco.

Teve vontade de dizer que estava com calor e por isso buscava o ar fresco da noite. Depois lembrou-se de que era impossível falar em calor com um frio daquele.

— Tá esperando alguém?

Riu-se. Teve vontade de chorar. A quem poderia esperar?

— Não. tou aqui porque tou sem sono.

— Então vamos entrar. Aqui tá muito frio.

Seria possível? Ouvira bem? Então não estava assim tão deformada. Aquele homem não lhe parecia um qualquer, que procurasse mulher atôa, sem escolher. Parecia ser um homem de boa sociedade. A esperança começou a renascer no seu coração. Quem sabe se o seu caso era mesmo tão desesperador? Poderia, — quem sabe? — haver ainda um jeito, um remédio, uma possibilidade de cura. Ouvira falar numas injeções de *peneu*. . . era *peneu* mesmo, o nome? Mas, o médico já lhe deixara de passar remédio. . . Se, pelo menos, tivesse dinheiro, talvez os médicos tentassem salvá-la. Se fosse uma daquelas clientes endinheirados que frequentam os consultórios, o médico não a teria abandonado assim, sem uma esperança, sem, ao menos, tentar animá-la um pouco. Mas, médico de graça é assim mesmo. . .

Voltou à realidade. Ele esperava resposta. Tentou sorrir:

Perguntou:

— Que é que você quer, meu bem?

Ela sabia muito bem o que êle queria, o que todos queriam. Precisava, porém, ganhar tempo.

Deveria entrar com êle? Deveria enganá-lo? Sentia que não deveria fazer isto. Sempre fôra franca, apesar de compeender que franqueza não adianta, pois os homens só dão dinheiro a mulher em paga do gôzo. Não lhes dando o corpo para saciarem os desejos, tambem eles não dão dinheiro. Nem mesmo querem saber o motivo, nem tão pouco se incomodam com doença. Mandam é procurar um hospital. Deveria ser franca, ainda, mesmo com fome? Quem sabe se êste, quando soubesse, não a socorreria desinteressado? Talvez todos não fossem iguais, talvez houvesse algum diferente, que fosse humano. Com que coragem, porém, confessaria e pederia? Não seria isto passar de prostituta a prostituta-mendiga? Pensou na diferença que o mundo estabelece entre uma prostituta e u'a mendiga. A comparação é deshonorosa para a última. Mil vezes u'a mendiga honrada.

Êle insistiu :

— Quer ou não quer entrar, beleza? Que é... que voce tem?

Era a tosse, a tosse rebelde.

— Eu... eu não presto mais. Procure outra...

Olhou bem para ela. Agora compreendia... Estava doente. Aquela tosse... Teve pena. Tão nova e já tão perto da morte! Era êsse o fim de quasi tôdas... Tirou o relógio do bolso, disfarçou e desculpou-se um tanto apressado.

— Bem, pensei que você queria. Vou indo. Até logo.

E se foi.

Telma acompanhou-o com o olhar

Valia a' pena ser assim com os homens?

Decididamente todos são iguais.

Uma onda de odio começou a invadir-lhe todo o ser. Um desejo enorme de vingança começou a renascer-lhe no coração, semelhante ao que sentira logo após a sua desgraça.

Pensou, porém, com um sorriso triste, — que prejuizo poderia vir aos homens, — a êle principalmente — que prejuizo poderia vir ao mundo, do odio de uma prostituta arruinada?

Dentro na noite, atravessando a atmosfera da cidade adormecida, o som cumprido do apito dos guardas noturnos.

Ao longe, como uma mancha luminosa numa torre-fantasma, o relógio do Mercado Municipal marcando, impassivel, o tempo que passa, aproximando Telma do fim...

PLENILÚNIO

Menção honrosa

JOSÉ ANTONIO NUNES MENDONÇA.

Um ventinho frio vinha do rio Sergipe.

Na Avenida Rio Branco, nenhum movimento. Salvo um ou outro par de namorados e o guarda noturno que fazia a ronda, ninguém mais.

Plenilúnio.

A lua derramando suavemente, uma esteira de luz pálida por sobre as águas calmas do rio.

Luiza estava adorável, sentada comigo num dos bancos, debaixo das árvores da Avenida. Sentia cada vez mais o seu corpo se unir ao meu.

— Olha, Luiza, como está bela a namorada de Catulo!

Ela não compreendeu. Olhou-me surpreendida.

— A namorada de Catulo, bobinha, é a lua.

— Ah, sim, meu filho. Me diga uma coisa, você acredita que os homens possam ir à lua algum dia?

— Não sei, neguinha. Os homens tem feito tanta coisa admirável... A ciência tem progredido tanto...

— Eu não acredito, não.

Minha mão apertava a sua com violência. Ela deu um gritinho.

— Tá doendo, filho, assim não.

Seus cabelos castanhos, tangidos pelo vento, roçavam o meu rosto, numa carícia. Soltei a sua mão e afaguei-os. Ela reclinou a

cabeça sobre o meu ombro. Procurei-lhe os lábios. Ela m'os ofereceu. Quentes e deliciosos. Tive a sensação de que o mundo deixara a subitamente de existir. Senti o seu corpo estremecer todo, agarrado ao meu.

Voltei à realidade.

— Luiza, vamos indo ?

— P'ra onde nêgo ?

— Caminhar à tôa, sem destino. Venha.

Ela levantou-se. Peguei sua mão. Uma mãozinha fina, delicada, morna.

Seguimos pela Avenida "Ivo do Prado" até a Avenida "Barão de Maroim". Uma maravilha, o luar, o murmúrio das águas, a mãozinha de Luiza, o seu corpinho roçando o meu.

— P'ra onde você quer ir, nêgo.

— Não se incomode, neguinha. Vamos ao alto de areia, lá no Oratório de Bêbe.

— Tão longe, nêgo... Estou cansada.

— Bobagem, filha. De lá podemos contemplar melhor a lua. Além disto, é cêdo ainda.

Luiza não resistia nunca aos meus desejos. Creio que se me propusse levá-la ao Inferno aceitaria passivamente.

Fomos andando. Num passo vagaroso. Indiferente ao tempo, como se este não existisse para nós. Ora em silêncio, ora dizendo qualquer coisa carinhosa um ao outro.

Aquí e ali, namorados amando, aproveitando a beleza da lua.

Na esquina do "Cirurgia", um par tão docemente unido que dava a impressão de uma pessoa só. Chamei a atenção de Luiza.

— Olha, neguinha, como o amor é belo!

Ela riu.

— Você crê mesmo no amor?

— Ora nêga, creio.

— Pois eu penso que os homens não amam. Sómente nós é que somos umas bobas.

— Tolice, então você não acredita que eu lhe ame?

A areia alva do alto de Bêbe parecia minúsculos grãos de prata beijados pela lua. Um recanto soberbo para o amor. E mais ainda numa noite como aquela, de plenilúnio.

Subimos. Aquí e ali Luiza parava, cansada. Abraçava-a e seus bracinhos me apertavam com uma pressão de extrema ternura.

Lá em cima, deitamo-nos na areia branca e fria, despreocupados, embriagados pelo luar e pelo amor. Luiza com a cabeça no meu braço.

— Luiza, você me ama?

— Ora, nêgo, que pergunta. Você sabe.

Beijei-lhe os cabelos. Depois os olhos e a boca. Muitas vezes. Ela estava divina. Os seios, entumecidos, sob as vestes, pareciam querer liberdade para virem receber os meus beijos à luz sagrada da lua.

Não me contive.

— Nêgo, não, por favor. Não faça isto, nêgo.

Silenciosamente, libertei-os. E beijei-os muitas, muitas vezes, sob a luz mística do luar...

Estávamos, ambos, no delírio da paixão. Luiza, sem fôrças para resistir. Eu, sem domínio para deter a fôrça imperiosa do amor.

.....

Ficamos aturdidos, olhando um para o outro confundidos, como se houvessemos recebido pancadas na nuca.

Luiza foi a primeira a falar.

— Que foi que você fez, meu filho?

Não havia ressentimento na sua voz. Apenas susto e confusão.

— Perdoi-me, Luiza. Não resisti. Você sabe que lhe amo demais. Luiza, não fale. Tenha confiança em mim.

Ela não falou.

Voltamos silenciosos, cada qual entregue aos seus próprios pensamentos.

—:—

Hoje Luiza é morta. Morreu em plena juventude, amando e abandonando-me, depois de ter vivido três anos ligada a mim apenas pelos laços verdadeiros do amor.

Na véspera de sua morte, me afirmou:

— Não chore, nêgo, a minha morte. Se Deus permitir — e sei que Ele vai permitir — hei de estar sempre juntinha a você. De você não me afastarei nunca, prometo.

— Cale-se, Luiza. Pelo amor de Deus, se cale.

— Você não acredita que os espíritos possam viver junto aos vivos?

Não lhe quis mentir quando tão próxima se achava da morte.

— Não sei, Luiza, não sei.

— Pois eu acredito, nêgo.

No dia seguinte, à noite, Luiza estava morta. E eu transformado na minha dor.

Morreu calma e serenamente, numa noite de luar.

No caixão, parecia um anjo a dormir. Um anjo esculpido por mãos divinas.

Se ao menos acreditasse na imortalidade... Entretanto, parece-me impossível o fato de Luiza se ter dissolvido no nada!

Não sei se ela pôde cumprir a sua promessa. São mistérios que desafiam a razão humana.

Sei apenas que sinto Luiza bem juntinha a mim, principalmente nas noites de luar. Dirão que é impressão. Pode muito bem ser que o seja. Não sei...

N. R. — Os contos literários publicados nesta Revista, premiou-os a Academia por motivo de haverem sido compostos com rigorosa observância às regras estabelecidas para o gênero.

Quanto aos motivos e à maneira de tratá-los por parte dos autores, nada teve que ver a Comissão julgadora.

BERNARDINO JOSÉ DE SOUZA

LUIZ PEREIRA DE MELO

O desaparecimento na Capital da Republica do professor Bernardino José de Souza, ocorrido a um mês, proporcionou grande pesar no país.

Historiador culto e sincero, sua existência foi uma trajetória brilhante de assinaláveis empreendimentos, quer como homem de letras, quer como cidadão.

Radicou-se na Bahia, onde sempre viveu cercado da estima pública.

Ha quase quinze anos que residia no Rio de Janeiro, no desempenho de funções nobilitantes como: membro e presidente da Câmara de Reajustamento e Ministro do Tribunal de Contas. Em ambas funções, o seu criterio fôra ressaltado no brilho de seus preciosos Pareceres. Diplomou-se aos dezenove anos. Atingindo os vinte e um anos já ocupava a Cadeira de Direito Publico Internacional da Faculdade de Direito da Bahia.

Em comentarios que escrevemos ha meses em torno de sua personalidade, longe de nós estava a ideia de que em breve não mais existiria o eminente mestre e prezado amigo.

O seu invulgar devotamento ao Instituto Historico e Geografico da Bahia, do qual era Secretario Perpetuo, cristalizou-se na arrojada empreitada da construção de seu suntuoso edificio.

Ei-lo afirmando que: — “O Instituto é o melhor abrigo de nossas glorias e deve ser o expoente da nossa cultura; ampara-lo é espalhar a sementeira do amôr da Patria”. Foi um dos seus fundadores.

Sua ultima obra — o moderno, confortavel e elegante edificio da Faculdade de Direito é um outro marco glorioso de sua rara capacidade de trabalho em prol da Bahia. Construiu-o como Diretor, em sua fecunda administração. Exatamente no transcurso do trigési-

mo dia de seu desaparecimento da face da terra, quando mais não pode nos cumular de favores, é que mais exaltamos o ilustre morto.

Merecedor do nosso testemunho de saudade, — saudade que por ser sincera vivifica os nossos corações, sentimo-nos muito bem em exteriorizar o pungir que nos vai na alma.

Suas Cartas — fruto de uma correspondência sadia, — não tinha o azinhavre da maldade ou da insinceridade de certos homens.

Franco quão sincero. Bernadino José de Souza, desde os dias de professorado que infundia uma atmosfera de simpatia e confiança.

Simpatia pela rigidez de sua justiça una e indivisível. Confiança ao espargir o ouro de seu saber profundo na cadeira de Direito.

Detentor de uma memória privilegiada, Bernardino José de Souza surpreendia seus discípulos. Se ambição revelou em sua existência, positivamente foi nobre e ilustrado. Só teve como objeto a sabedoria como a virtude.

Reconhecendo na coragem um fator de utilidade para o homem, o ilustre filho de Sergipe, foi sempre vitorioso em seus empreendimentos.

Foi no tumulto, da agitação da vida humana que Bernadino José de Souza purificou o seu caráter, educado nas grandezas do coração. Sua energia era unilateral. Não era detentor de duas medidas. Firme em suas decisões não postergava, contudo o sentimento da bondade.

Sobrio e sem exageros, o venerando Mestre não era indiferente as injustiças humanas. Aquêle que estuda-lo atravez de suas diversas facetas, sentirá, certamente os esplendores de seu coração.

Deixou uma obra inédita: “O Ciclo do Carro de Boi no Brasil” um alentado volume de mais de oitocentas paginas, repleta de retratos, mapas e desenhos.

Viver nos corações que deixamos atrás de nós, não é morrer, proclamou Campbell. O nosso homenageado é daqueles que embora desaparecidos, ainda refulge no nosso pensamento como uma certeza de que viverá na posteridade. De Bernardino José de Souza, poderíamos dizer o que afirmara Confucio: — “aprende o bem viver e bem saberás morrer”.

O mundo é dos contrastes. Enquanto uns morrem muito tarde, outros, ao contrario, muito cedo desaparecem.

E hoje que Bernardino José de Souza não mais vive, senão num sono que não tem sonhos, certificamo-nos, por fim, como a morte, é no dizer do poeta sergipano Hermes Fontes — “o ponto final do humano calendario”.

O misterio da morte tem como sabemos, para o segredo da vida, um traço que fica — a saudade!

Aracaju, Fevereiro de 1949.

ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS

A HOMENAGEM, ONTEM, DO SODALICIO AO SEU PATRONO
DE HONRA, CORONEL JOSÉ DA SILVA RIBEIRO —
INAUGURAÇÃO DE SEU RETRATO NA GALERIA DA CASA

Constituiu um verdadeiro acontecimento social, a homenagem que a “Academia Sergipana de Letras”, prestou ontem, no salão nobre do Instituto Histórico e Geográfico a seu Patrono de Honra, o sr. coronel José da Silva Ribeiro.

Precisamente às vinte horas, repleto o salão do que mais fino e representativo existe em nossa sociedade, deu-se inicio a sessão festiva, abrindo-a o presidente professor Magalhães Carneiro com palavras apropriadas á cerimonia e que ecoaram fundo no espirito da assistencia. Mostrou o ilustre intelectual sergipano de que maneira estava direta e profundamente ligado a historia da Academia o nome do homenageado, cujo amor ás letras era o maior atributo de seu espirito fidalgo.

Disse que a Academia ia no momento, solver uma divida que ha muito já devia ter sido paga e muito bem paga. O retrato do coronel José da Silva Ribeiro, iria enriquecer a galeria de retratos da casa, e ali fulgeria, como um exemplo de dedicação a Sergipe e de apreço áqueles que se dão ao trato das boas letras. E concluiu sua tersa oração justificando a ausencia do orador oficial que seria o ilustre academico Monsenhor Carlos Camelio Costa, que não podera comparecer por alteração de sua preciosa saude. Designara o academico dr. Pires Wyne para substituir o orador ausente, certo de que este intelectual iria desincumbir-se satisfatoriamente. Concedida a palavra ao academico dr. Pires Wyne, proferiu este da tribuna academica formosa oração, deixando plenamente justificada a homenagem que a Academia prestava a seu Patrono de Honra ali presente, sendo ao terminar seu discurso muito aplaudido. Prosseguindo-se na soleni-

dade, occupou a tribuna o academico Freire Ribeiro que encantou a assistencia declamando versos de sua autoria e da autoria do falecido academico dr. Costa Filho, sendo igualmente muito aplaudido. Representando a 2.^a parte da festa e de acôrdo com o Programa, foram entregues por mãs de S. Exa. o Sr. Dr. José Rollemberg Leite, dignissimo Governador do Estado, que se dignou de comparecer á sessão com todo o seu brilhante secretariado, os premios a que fizeram jus os intellectuais patricios dr. Celso Oliva e José Antônio Nunes Mendonça, vitoriosos no Concurso de Contos Literarios instituido pela Academia. Por fim, pediu a palavra o dr. José da Silva Ribeiro Filho, digno Secretário da Fazenda no Estado, e em nome de seu venerando pai, agradeceu a homenagm do Sodalicio. Seu discurso, uma das mais belas orações proferidas da tribuna da Academia Sergipana de Letras, foi acolhido por varias demonstrações de aprêço por parte dos circunstantes. Com sua sobria, comovente, elegante e primorosa oração, o dr. José da Silva Ribeiro afirmou-se um orador de elite.

—:—

A mesa, na brilhante e carinhosa homenagem prestada pela "Academia Sergipana de Letras" a seu patrono de Honra, coronel José da Silva Ribeiro ficou composta por S. Exa. o Sr. Governador do Estado, Dr. José Rollemberg Leite; pelo presidente do Sodalicio prof. Magalhães Carneiro, pelo dr. Marcos Ferreira, prefeito da Capital, pelo coronel José da Silva Ribiero, pelo dr. João de Araujo Monteiro, Secretario de Segurança, pelo dr. Manuel Cabral Machado, Secretario do Governo, pelo dr. Guedes de Melo, Secretario do Interior e Justiça, pelos representantes das autoridades federais e estaduais e da Imprensa.

—:—

Dentre as manifestações de solidariedade recebidas pela presidencia, relativamente á homenagem ontem prestada, destacam-se o telegrama da Dra. Cezartina Regis, ex-secretaria da Hora Literaria S. Antonio, e carta do academico J. Muricio Cardoso que se encontra ausente da Capital.

Encerrando a sessão, o maestro Genaro Plech, tocou ao piano uma das mais emocionantes peças de seu classico repertorio.

(Do "*Diário de Sergipe*", de 5 de março de 1949).

Discurso de abertura da sessão pelo presidente prof. Magalhães Carneiro.

Meus senhores:

A "Academia Sergipana de Letras" vai enriquecer sua galeria de retratos com a efigie do coronel José da Silva Ribeiro — seu Patrono de Honra".

Eis, meu senhores, que se vai solver uma divida que há muito devia estar paga e muito bem paga.

O nome do coronel José da Silva Ribeiro está direta e profundamente ligado à historia desta Academia por tudo quanto êste homem digno fêz em proveito de sua fundação em 1929. Todos nós nos lembramos da "Ilora Literária Sto. Antonio" por ele criada e carinhosamente mantida.

Na virente colina de seu nome, fulgia a pequena e modesta colmeia que, não obstante, era uma fonte rica e benéfica. A feição academica que se lhe imprimiu com o beneplacito de seu criador, possibilitou a realização do anêlo de alguns homens de letras patricios, realidade que permanece vitoriosa em seus objetivos, a despeito do crônico pessimismo de alguns pseudo-intelectuais que, ou se consideram inferiores, para integrar os quadros da Sociedade ou concebem Sergipe periclitante, para colaborar, embora pálidamente, nos arroubos da cultura brasileira.

A esta lamentavel incompreensão que se manifesta por diferentes formas de má-vontade contra a Instituição, todavia, respondem aqueles que, para manter-na, não medem sacrificios numa cooperação eficiente e a clarividente e patriótica ação dos governos capazes que não lhe negam apoio e o necessario auxilio financeiro embora sensivelmente modesto.

Desde que se leva à galeria de retratos da Academia, a efigie de seu Patrono de Honra, com este ato, como se vê, cumpre o sodalicio

um dever de respeito e gratidão áquele que, se encontra nas boas letras um prazer, exigenio para o espirito, não subestima o futuro da terra natal — o que muito deve interessar ao coração dos bons sergipanos.

Foi a cultura, meus senhores, que trouxe e ainda mantem a Grecia e a França no carinho e na veneração universais. E é pela cultura que se tem a sensação, que se avalia o grau de civilização dos povos...

Pela palavra de illustre e candente orador, em superior eloquencia, a Academia justificará a homenagem que neste momento se presta ao coronei José da Silva Ribeiro — Patrono de Honra do Sodalício.

Meus senhores:

O orador official nesta festa que é toda carinhosamente sincera, seria o nosso illustre consocio Monsenhor Carlos Camelio Costa. Ligeira alteração de sua saude, todavia, privou-o de comparecer. O academico dr. Pires Wynne que o vai substituir, com igualdade de brilho, desincumbir-se-á satisfatoriamente.

Tem a palavra o academico Pires Wynne.

Discurso proferido pelo dr. J. Pires Wynne, na sessão de 4 de março do corrente ano, realizada pela Academia Sergipana, falando, como acadêmico, em nome do Sodalício.

“O conselheiro Ferreira Viana era um humorista. Até ser chamado ao governo e aos conselhos da Coroa troçou á grande a Monarquia e o Monarca; quando, por isso, (era então maneira de subir) foi chamado a ministro e cortesão, não se lhe departiu o humor senão para direções diversas, pois que sempre haviam de sobrar motivos e occasiões.

O Ministro dera para seu officio e visitava, como era de justiça, as prisões, cujo desconforto clamava piedade. Numa delas encontrou pobre homem que se queixava muito e entretanto, dizia, estava ali por uma coisa a loa... Quis saber porque. Por nada... Um crime contra a honra; como não tinha haveres para dotar a vítima, preferira ser condenado, a reparar o mal feito. Mas a prisão era tão insupportável, que já se arrependia; tinha vontade de supplicar a reparação do dano, pelo casamento.

O Senhor Ministro que lhe aconselhava? Ferreira Viana, piedoso e justo, recolheu-se, e, depois, num esboço de sorriso, deu o conselho: cumpra o resto da pena”.

Afranio Peixoto, às vezes, também humorista tanto como tantos outros, contou-me essa passagem.

Quando na tarde festiva, cheia de guisos e banhada de sol, o alegre sol das almas plenas de mocidade, cantava lá fóra, pelas ruas e praças, nos ritmos da juventude, e na alegria da vida, a cidade pagã, foi que, de Magalhães Carneiro e dos senhores recebi, como um ultimatum, o generoso convite para a festa de hoje.

Magalhães Carneiro, amoroso da Academia, que é menina dos seus olhos, ao vê-lo, ví na postura da visita e na gravidade insistente do convite toda a sua paixão, tão zelosa e inquieta, á semelhança do desconsolado e já tão confiante sorriso que, como vos contei, aguçara um dia a verve do Ministro.

Contei-lhe a risonha história.

Que ele esperasse um pouco, e mais doce seria a pena, tanto quanto maior a paciência na espera do cobiçado prêmio — a alegria desejada.

Assim, senhores acadêmicos, é que aqui estou, por culpa vossa, substituindo a quem não posso, Carlos Costa, Monsenhor, também acadêmico, mas, muito mais nobre intérprete, que, pela missão e pela Fé, tem as honras e a graça de pregar o EVANGELHO nos altares do CRISTO.

Jellineck, já hoje um tanto ou quanto à margem, sem o prestígio das constantes citações, que tudo tem o seu tempo, no contínuo vai e vem da moda, confirmando, de algum modo, o incrível das inovações e os curiosos e penetrantes argumentos da moderna psicanálise, sentenciava como verdade — *“experimentamos uma certa satisfação quando as consequências de um ato mau reverte contra o autor”*.

E’ que *“o ato mau pertence a harmonia do nosso ser; a vista da punição restabelece o equilíbrio da nossa natureza”*.

—:—

A satisfação, pois, que se sente com a punição infligida ao delinquente, se é alguma coisa reconmendável, e retrata, aos olhos do mundo numa alegria, às vezes velada, um profundo senso estético ou equilíbrio moral, também, não resta dúvida, exprime, se bem estudada e aos olhos do psicanalista, um recalque, impulsos abafados ou indecisos complexos.

Daí, sem mais nada, como lógica conclusão, a lembrança daquele aforismo... caminho tão indicado e quase sempre esquecido, quando se procura chegar ao acerto num julgamento.

Ama a teu proximo como a tí mesmo.

Sim, pelo julgamento das próprias fraquezas é que se pode chegar de modo fácil e sem rodeios, ao conhecimento das causas na apreciação da verdade ou das fraquezas alheias.

Estas conclusões, contraditórias ou harmoniosas, me foram chegando, ainda há pouco, num instante de meditação especulativa em torno do caso Mindszente, cardeal, acusado e condenado na Austria, e cuja atitude nobre e serena, me mereceu ha dias, nesta casa, um voto, não de protesto, mas de simpatia, aplaudindo a perseverança e a coerência da sua Fé.

Não espanta que se lhe condene a atitude assumida, que se negue a nobreza da coerência e se desrespeite a força da sua Fé.

O que espanta é ver o silêncio de muita gente, às vezes tão palavrosa e travessa, agora acomodaticia e velada, na dubiedade de uma atitude pecaminosa, sem um grito de protesto em face do sacrificio de uma consciência, a arder, na beleza da sua crença.

Essa dubiedade de atitude, que é indecisão, fraqueza de ânimo na afirmação de um protesto, é a razão da desgraça que se alastra, apavorando o mundo, num complexo de terríveis consequências, o da negação da própria personalidade humana.

Se alguma coisa tenho feito, na humildade da minha vida, cheia já de trabalhos e de afetos, e seguindo sempre pelos caminhos do ideal, tudo, que é bem pouco, se resume na ardente paixão do espirito, sempre construtiva e boa, no zelo pelas tradições, na confiança sem pouso, no amor a minha terra natal.

Estas premissas e conclusões, senhores académicos e meus senhores, parecerão, à primeira vista, sem lógica e sem lugar, mas, se ponderadas, logo surgirá aos olhos, e à luz da verdade, numa positiva afirmação de justiça, sem os espinhos do ódio nem as flores efêmeras da lisonja, exata, a pintura do nosso tempo, caminho largo, batido de sol, tão lindo ao jovial sorriso das líricas alvoradas, e, de súbito, cortado, às vezes, pelo pedregulho hostil das invejas mesquinhas, rasteiras como as serpentes, ou arditosas e envolventes como o vôo egoista dos agourentos abutres.

Meu preclaro amigo
e patrono da Academia,
Coronel J. da Silva Ribeiro:

Se aqui, substituindo um sacerdote, não falo com as pompas do púlpito, tecendo um hino ao sabor e à altura dos pregadores sagrados, nem por isso sinto que a minha palavra se perde, confundindo-se com

a fácil retórica das *homenagens a óleo*, tão frequentes nos tempos passados, em época de humilhantes medidas, quando a lisonja, campando de sinceridade, sempre surgia à boca dos seus improvisados intérpretes, realçando méritos duvidosos e amordaçando a verdade.

Sergipe exporta talento. É muito comum, no sul do país, principalmente em S. Paulo, essa frase, cuja repetição é assim como o estribilho de um louvor constante aos filhos do pequeno Estado.

Muitas vezes, e de mistura com um sorriso amigo e gracioso, ouvi, medroso e satisfeito, a cativante frase, à flor de lindos lábios de gentis senhoras.

A simpática expressão, tão significativa, vem, através dos tempos, desde muito, como uma flor e um espinho, enfeitando a história e também aguçando a paixão dos filhos do pequenino Estado.

Confesso, entretanto, que, algumas vezes, ao ouvir a frase, pesando a valia econômica e política do Estado natal, senti, deveras, tremuras nos lábios e frio no coração, querendo ver no *talento tão louvado* uma forma de depreciação elegante e sistemática, um louvor paradoxalmente diminutivo.

Desconfianças de nordestino.

A modéstia da capacidade econômica, revelada através da exportação de outros produtos, não se humilha em face da esplêndida floração do espírito.

Vem de longe a frase.

Não sei situá-la na sua origem, localizando o seu ponto de partida.

Cheio de razões ainda, ou apenas embalado pelos fulgores do passado, o certo é que o sergipano tem orgulho da terra em que nasceu.

Ao ouvir a repetida frase não lhe nega a verdade, e sorri satisfeito, ora tomando para si mesmo um pouco do louvor, ora feliz recordando algumas expressivas figuras ilustres de conterrâneos que se destacam, atingindo os píncaros da notoriedade, derramando sôbre a terrinha distinta a fulgência de uma grandeza intelectual, recomendando-a, assim, em outras parágens, e aos olhos da posteridade...

Porque será que somente Sergipe exporta talento ?!

O Maranhão, terra de Gonçalves Dias, de Humberto de Campos, de Coelho Neto, de Aluísio e Artur Azevedo, de Catulo, de Francisco Lisbôa, de Sotero dos Reis, de Gomes de Souza, e de tanta gente que brilha, porventura, não estará reclamando o mesmo louvor ?

O Ceará, torrão natal do insigne Clóvis Bevilacqua, de Juvenal Galeno, de José de Alencar, de Farias de Brito, e também a Paraíba, berço de Epitácio, e assim, no mesmo passo. Alagôas que deu um Tavares Bastos, Pernambuco, fonte de tantas inteligências, porque todos êsses Estados, territorialmente pequenos em face da maioria, não conquistaram a graça da saudação ?

Sergipe, sómente Sergipe, ainda hoje continúa como a terra exportadora de talentos.

Fôrça e prestígio da tradição.

O fato é que, realmente, pequenino que sempre foi, Sergipe, ainda nos seus começos, arrostando sempre sérias dificuldades, nunca se salientou como uma fonte de produção ponderável na esfera econômica, e, como geralmente se nota, ainda hoje, não obstante certos benefícios alcançados, continúa sem apreciável relevo no cômputo da economia nacional, reduzido assim a um trato de terra nem sempre favorável aos labores agrícolas.

Mas, à verdade, o que ha é uma razão misteriosa e ponderável — a pequenina estrela brilha intensamente.

Ha'no sergipano um orgulho inato, e que é a justa compreensão da vida, aliada a um sentimento profundo e lírico, feito de amor humano e divina paixão pelo berço natal.

Sentimento real, positivo e crescente, ao envés de ser apenas uma nota de simpatia romântica, é a própria afirmação de uma energia indomável, a se expandir, confundindo e congregando, na mesma alma, num regionalismo caprichoso, doce e ardente, as paisagens e os rincões mais longínquos da Pátria.

Déspota na afirmação do seu patriotismo, sabe que "Quando um povo intenta mostrar ao mundo os seus títulos, os que asseguram o direito à independência, não é apontando na carta as suas fronteiras e alegando a existência material, que pode nos amigos excitar o respeito da sua liberdade e conter nos cobiçosos os impulsos da ambição!"

—:—

As minhas relações de amizade com Garcia Rosa, datam dos primeiros tempos da mocidade, e, mais íntimas, frequentando-lhe eu a casa, quando com o seu patrono subira também a HORA LITERÁRIA, para continuar na aprazível colina as tão amáveis tertúlias.

Horas literárias, iniciadas, realizadas antes, e desde muito, no pavimento térreo do Palacete residencial, à rua João Pessoa.

Com a subida do grupo intelectual, sempre bafejado pela benemerência fidalga do Cel. José da Silva Ribeiro, uma nova vida pela colina.

Aos domingos lá se reuniam velhos e moços, graves e risonhos, e à tardinha, as almas se derramavam em versos e alguns peitos se abriam ao calor festivo do ambiente.

Inspirados gorgeios, líricos e doces, ou arrebatados arremedos demosténicos subiam, então, cativando palmas e louvores.

Por esse tempo, Sergipe possuía uma pleiade de espíritos de ecól, quasi todos, mais ou menos brilhantes, e, alguns, bem seguros nos seus rumos, e bem produtivos, satisfeitos no quasi exílio da vida provinciana, e todos merecendo geral consideração nas referências sempre respeitosas e cheias de louvor.

E eram Pereira Barreto, Clodemir Silva, Passos Cabral, Artur Fortes, João Esteves, Costa Filho, os que passaram, como ainda hoje, Garcia Rosa, Carvalho Neto, Magalhães Carneiro, José Augusto, Zózimo Lima, e tantos outros, como os *moços de ontem*, já mais velhos.

E possuía até os seus filósofos, como Manuel dos Passos e Prado Sampaio, sempre em campos opostos, na política e nas diretrizes estéticas, mas harmônicos no mesmo amor entusiástico, aliás tão nosso, pelo mestre sempre inexquecível e a cada passo citado.

Tobias, mestre de ambos, aparece nas páginas dos amorosos discípulos com uma frequência exemplar, e não é difícil afirmar que os dois disputavam, muito embora a discordância, os pontos de vista contrários em que sempre se collocavam, a maior evidência quanto ao sectarismo mais apaixonado.

Vale recordar. Passos, mais versado em línguas românicas, latinista, orador *tobiático*, de largos gestos, conceituosos, lírico, eloquente.

Improvisador interessante.

Sampaio, temperamento arredo, espírito analítico, com pendores bem fortes para os problemas filosóficos, e, às vezes, de um bom gosto admirável em páginas de encantadora graça.

Em tórno, a floração de outros vultos mais moços, completavam o cenário, dando graça ao convívio, dando vida aos debates, estimulando através da constante luta o trabalho do espírito na seára das letras.

Assim, um Rubens Figueirêdo, um Cícero Sampaio, um Góis Duarte, um Clodoaldo Alencar, um Teonas Pereira, um Almiro Fontes, um Jacinto Figueirêdo, um Ribeiro Filho, um Maria Fontes, uma Maria Rita, nas letras, como, na *música*, uma Candoca Viana, uma Valdete Melo, um A. Bragancinha, na *declamação*, uma Maria Galvão, uma Maria Augusta, uma Elza Sampaio, na pintura, um José Inácio, seguindo um Jordão de Oliveira, já laureado.

Assim surgiu a ACADEMIA.

Assim, ali, o vosso retrato.

—:—

Meu preclaro amigo e ilustre patrono desta Casa :

Bem que comprehendestes, varão ilustre, essa vibração perene e intencional, e porque também sentistes, patriótica e viva, a flama dêsse

ideal, foi que, confraternizando com os espíritos de há vinte anos, os reunistes à sombra amiga dos vossos afetos, no vosso lar, honrado e nobre ninho de afeições amenas, novo jardim de ACADEMUS, a sorrir, trescalante, no viço animador das flores da Bondade e na Esperança das palmas benfazejas.

Sois, sem dúvida nenhuma, um benemérito. Sois, assim, com justiça, o patrono desta Casa, e, assim, tranquilo, aqui podeis continuar, animando os passos acadêmicos, sentindo já no calor emotivo desta hora, e no esplendor das vossas virtudes, a doce e augusta beleza da Imortalidade.

Discurso pelo dr. José da Silva Ribeiro Filho em nome de seu venerando pai, nas homenagens da Academia na sessão festiva de 4 de março de 1949.

Exmo. Senhor Dr. Governador do Estado, Exmo. Senhor Prefeito da Capital, Exmo. Senhor Presidente da Academia Sergipana de Letras, Exmos. Senhores Secretários de Estado, Exmas. Senhoras, Gentis Senhorinhas, Meus Senhores.

Senhores Acadêmicos :

Homenageado por vós, legítimos expoentes das letras sergipanas, estará meu pai a interrogar-se como e proque o quizestes fazer alvo de tão expressiva quão espontânea demonstração de aprêço e simpatia.

Constitúe, sem dúvida, fato devéras singular o reunir-se uma Academia de doutos para homenagear um iletrado, sobretudo sendo êle, como efetivamente é, um cidadão que jamais galgou póstos de relêvo na vida pública, sem nenhum serviço excepcional prestado à sua terrá e cujas virtudes não serão maiores nem melhores que aquelas modestas e despretenciosas virtudes das quais se possa humildemente orgulhar um obscuro homem de bem.

Entretanto, senhores acadêmicos, aqui não estaria meu pai se lhe não houvesseis inspirado uma confiança e uma simpatia que o convidam a receber sem constrangimento as dádivas do vosso espírito e as oferendas do vosso coração. Sim, não pudera êle, sensível como é, ferir-vos com uma recusa a que, noutras circunstâncias, devêra a modestia obrigá-lo, seja embora imerecida e até excessivamente generosa a alta distinção que ora lhe conferís.

Homem simples, mas de delicada sensibilidade, foi-lhe fácil compreender a nobreza da vossa intenção, tanto mais quanto a aposição do

seu retrato neste sodalício é iniciativa que parte daqueles mesmos corações amigos que já o fizeram patrão da Academia, num ato menos de justiça que de bondade. E atos que tais, bem o sabemos, enobrecem e dignificam sobretudo aqueles que os praticam.

Mas, senhores acadêmicos, eu vos acabo de dizer que meu pai é extremamente sensível. Pois bem : Si a sensibilidade pôde realmente ser, sob certos aspétos, uma outra forma da inteligência, estarão descobertos os laços que vos prenderam a êsse homem simples de quem, todavia, tantos vos distancias pelo vosso talento e pela vossa cultura. E' que, senhores acadêmicos, o vosso engenho e a vossa arte não vos separam do comum dos mortais. Sois almas "vivas", vivas no sentido de que nos falava JACKSON DE FIGUEIREDO, e porque e sois vos comunicais com outras almas, simples e humildes, porém transbordantes de simpatia humana.

Agora, senhores acadêmicos, consenti que me ausente por alguns instantes dêste salão. Consenti que, recuando no tempo, eu vá encontrar meu pai tal como o conheci na minha meninice e, mais tarde, na minha juventude : cercado de jovens esperançosos, acolhendo-os na intimidade do seu lar, proporcionando-lhes ambiente de que certamente necessitavam para as primeiras manifestações de nascentes e promissôras vocações artísticas.

Foi assim que nasceu a Hora Literária General Calazans, depois Hora Literária de Santo Antônio. Daquela fizeram parte, ainda de calças curtas ou metidos nas primeiras calças compridas, alguns intelectuais muito nossos conhecidos. Visitou-a — fato digno de registro —, o Barão Homem de Melo, que viêra a Sergipe a convite do Instituto Histórico no govêrno do General Oliveira Valadão. E vale acrescentar que o Barão, a despeito dos seus oitenta e um anos, deixou-se contagiar pela alegria e pelo entusiasmo daquêles literatos imberbes, que provavelmente nada sabiam a respeito da sua obra...

Dias mais gloriosos, porém, fôram os vividos pela Hora Literária de Santo Antônio, que dentro de pouco tempo deixava de ser apenas um grémio de rapazes de vinte anos, por isso que abria as suas portas a renomados homens de letras. Chegaram José Augusto, Garcia Rosa, Passos Cabral, Carlos Costa, Alfeu Rosas, Magalhães Carneiro, Manoelito Campos, Joaquim Maurício, Góis Duarte, além de muitos outros. Pintores, poetas, jornalistas, juristas, professores. Por assim dizer todo um primeiro "time", que ao invés de anular os novos, procurou, ao contrário, incentivá-los por todos os meios.

Não admira, pois, que sergipanos ilustres que de longe vinham matar as saudades da terra bêrço e intelectuais de outros Estados que aqui chegavam como apressados visitantes fôsem entusiásticamente recebidos na Hora Literária. Lá estiveram, entre outros, Ranulfo

Prata, Jackson de Figueirêdo, Hermes Fontes, Cleómenes Campos, Jordão de Oliveira, Dom Antônio Cabral, Guedes de Miranda, Jayme D'Altavila.

Festivas tardes, inesquecíveis noites de encantamento espiritual, às quais emprestava sempre maior brilho a presença da inteligência feminina, representada principalmente por maestrinas, poetisas e declamadoras.

Ainda agora, senhores acadêmicos, como que embevecido escuto aquela graciosa discípula de Angela Vargas e Margarida Lopes de Almeida — Maria Nazareth de Menezes Galvão —, a interpretar com adorável singeleza os seus poetas preferidos.

“Ali, outróra, retumbaram hinos” — disse-o alguém, faz poucos dias, apontando com os olhos perdidos em reminiscências para a antiga séde da Hora Literária, hoje residência dos filhos de São Francisco, o humaníssimo poeta do “Cântico do Sol”.

Glorioso destino o daquela casa, que agora abriga outra espécie de sonhadores. Esses que, tantas vezes injustiçados e incompreendidos, oram e sofrem, como sofreu e orou o Pai Francisco, sem que jamais devam renunciar, como êle não renunciou, ao seu audacioso sonho de fraternidade cristã !

O poeta de “Coração Encantado”, que por lá passou recitando, discursando, fazendo amigos e até lendo a “buena dicha” em mãos femininas morenas, ou opalizadas, o poeta de “Coração Encantado” assim resumiu as suas impressões da Hora Literária num livro de capa de veludo no qual já se encontravam as impressões do amargurado artista da “Lâmpada Velada” :

“Esta Hora é milagrosa, e merece aplaudida,
Pois nos proporeiona horas de ouro na vida”

Mas nem tudo era lirismo em verso ou prosa na Hora Literária dos velhos tempos. Na Hora Literária de Barrêto Filho, Pires Wynne, Humberto Sobral, Antônio Rocha, Luiz Alves Madureira, Fernando Alves da Costa, David de Albuquerque Maia, para citar apenas alguns dos mais assíduos e entusiastas.

Quando se cansavam da troca de amabilidades, dos elogios mútuos, os rapazes provocavam sessões por vezes tumultuosas, não valendo, para acalmar os mais exaltados, o soar da campainha pela mão nervosa do presidente Luiz Alves Madureira, hoje respeitável figura do clero nacional.

E foi por isso, talvez, que ela sobreviveu...

Diga-se de passagem que a Hora Literária teve também os seus

humoristas. Certa vêz o tabelião Benício Fontes, ante a obstinada recusa de um seu amigo, que não via como pudesse fazer parte da "Hora" sem ser literato, sem nunca ter feito um soneto de pé quebrado ou um brinde de aniversário, irritado com tanta modéstia replicou-lhe em tom conselheiral : vamos, vamos até lá, pois afinal de contas são os minutos que fazem a hora...

Senhores acadêmicos :

Por que vos tenha lembrado há poucos instantes o nome de Maria Nazareth de Menezes Galvão, deixai-me citar também os nomes de dois jovens poetas que mergulharam nas sombras luminosas da Eternidade, nomes íntimamente ligados à história, se assim posso dizer, da Hora Literária.

Um, Almiro Fontes, irmão da poetisa Ana Leonor Fontes, era um poeta de quem muito se pudéra esperar. Poeta exuberante, espontâneo, quasi improvisador, e que ainda horas antes de morrer, precocemente desencantado da vida, fazia da sua dôr, seguindo o conselho de Goethe, pequenas canções.

O outro, José da Silva Ribeiro Sobrinho, que até os vinte anos lidou desageitadamente com os decássilabos e os alexandrinos, voltava-se mais tarde para uma poesia de acentuada tendência moder- /a nista. Preparava-se para lançar o livro com que sonhava desde a adolescência quando a morte o colheu de surprêza, num trágico desastre de aviação. Era então capitão do Exército, e gostava das matemáticas, o que vem comprovar que números e rimas às vêzes se conciliam e se harmonisam.

Si estamos, porém, na mansão dos mortos, dos mortos da Hora Literária, lembrarei ainda outros dois nomes, desculpando-me de não propositadas omissões : o de Luiz Guimarães, espírito agil, comunicativo, tomado de indomável paixão pelas lêtras, pai dêsse orador de raça que é João Marques Guimarães, e o de Tales Vieira da Silva, irrequieto, barulhento, quasi demagógo, autêntica vocação de orador de praça pública.

.....

Eis-me de volta, senhores acadêmicos ! Eis-me de novo neste suntuôso salão da Academia Sergipana de Lêtras, que ora se reúne para prestar a meu pai homenagem tão cativante. Sei quanto o comoveram as palavras evocativas que acabo de proferir a respeito da Hora Literária, que indubitavelmente era, como já o disse alguém, "a menina dos seus olhos".

Entretanto, a Hora Literária não morreu. Ao contrário, cresceu, lançou raízes mais vigorosas no coração da terra, transformando-se de tenro arbusto em árvore frondosa. E é dessa árvore, meu pai, que mãos amigas e dadiosas colhem as flôres com que hoje vos corôam a fronte encanecida ! E' à sombra dessa árvore que corações fraternos vos convidam a repousar um instante, por reconhecerem em vós o velho caminheiro, talvez alquebrado pelos anos, mas cujo ânimo não se deixou quebrantar ao longo da jornada ! E como a começastes cêdo !

Não faz muito, visitando o vosso torrão natal, contemplei enternecidamente aquelas paisagens sertanejas, tão ligadas aos primeiros anos da vossa vida. Contemplei-as enternecidamente porque elas (como às vézes nos falam as paisagens !), repetiram-me a história de um menino pobre, órfão de pai, e que mal saído do ABC teve de abandonar a escola para com o suor do seu rôsto provêr à subsistência da mãe viúva e dos irmãos pequeninos !

Mas... “a quelque chose ~~mal~~ meilleur est bon”...

1a

Madrugando na luta pela vida, temperando o caráter na adversidade, não vos puderam abater o ânimo as vicissitudes a que ainda vos expuzestes pelo vosso amor ao trabalho e pelo vosso espírito de iniciativa quando já vos fôra lícito colher tranquilamente os frutos de um prolongado e incessante labôr.

Que vos tendes conduzido corajosa e dignamente ao longo da jornada, confirmam-no o aprêço e a estima que sempre merecestes dos vossos concidadãos, porém a homenagem que hoje recebeis dos intelectuais da vossa terra revestida de uma generosidade cujos excessos evidentemente vos confundem.

REVESTE-se

Com que palavras podereis agradecer a todos e a cada um em particular homenagem tão carinhosa, quão imerecida ?

Com que palavras poderei fazê-lo em vosso nome, quando ainda ressoam neste salão os substanciosos discursos de Magalhães Carneiro e Pires Wynne e os belíssimos versos de Freire Ribeiro ?

Entretanto, como que estou a advinhar o vosso pensamento. Que-reis apenas, como penhor do vosso reconhecimento e da vossa imprecável gratidão, estreitar de encontro ao vosso êsses corações amigos e apertar fraternalmente nas vossas essas mãos que vos cobriram de flôres !

TITULAR DA CADEIRA N. 4 PATROCINADA POR BITENCOURT SAMPAIO

O professor José Augusto da Rocha Lima nasceu no povoado Lagoa Funda (antigo Escurial de Cima), município de Gararú, a 22 de julho de 1897. É filho legítimo de Manuel Alves Monteiro da Rocha e D. Laura Alves da Rocha. Tendo ficado órfão de pai aos sete anos de idade, foi tutelado pelo seu padrinho Monsenhor Francisco Gonçalves Lima, de quem por gratidão tomou o sobrenome.

Estudou primeiras letras em Gararú e iniciou-se no curso secundário em Penêdo, Estado de Alagoas, no Colégio *11 de Janeiro*, dirigido pelo educador notável que foi o professor Higino Belo.

Em 1911, ingressou no Seminário Arquiepiscopal de Salvador (Bahia), onde conseguiu ser classificado o primeiro aluno, em proceder e aproveitamento, do Seminário Menor. Criada a diocese de Aracaju, transferiu-se em 1913 para o incipiente Seminário Episcopal dessa cidade e em 1914 iniciou suas atividades de professor, que prosseguiram naquele estabelecimento de ensino eclesiástico até 1929. Aí ensinou português, francês, latim, geografia, exegese bíblica e teologia dogmática.

Em 1926 foi nomeado professor catedrático de história geral da Escola Normal *Ruy Barbosa*, da qual em 1939 foi transferido para a cátedra de francês do Colégio Estadual de Sergipe.

Foi um dos fundadores e o primeiro presidente da "Academia Sergipana de Letras". Pela segunda vez mereceu ainda o voto de seus pares, exercendo êsse honroso cargo.

Em 1931 foi pelo Governo do Estado comissionado para estudar a organização do ensino em S. Paulo. De volta apresentou um *Relatório* que foi mandado imprimir na Imprensa Oficial.

Exerceu o jornalismo, tendo sido diretor da *A Cruzada*, juntamente com o Mons. Carlos Costa. Sem contar vários trabalhos pu

blicados na imprensa, foram impressos de sua lavra — *Os Pais na Vida Hodierna* (conferência), *Costafilho* (discurso de recepção e o *Relatório* já mencionado.

Fundou a Sociedade de Cultura Franco-Brasileira, da qual é secretário geral.

Foi por duas vezes eleito presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Exerceu os cargos de assistente técnico geral do ensino e diretor do Colégio Estadual de Sergipe.

E' considerado um dos educadores mais eficientes de Sergipe.

SERGIPE !...

PADRE MANUEL ALBUQUERQUE, amazonense,

(A' Academia Sergipana de Letras, agradecendo a generosa oferta de livros para a "SALA DO BRASIL", do Seminário do Fraião, de Braga, Portugal).

Pequenino Sergipe, como és grande !...
A própria Glória te envolveu de glória !...
E o teu clarão por sobre nós se expande,
Enchendo o meu Brasil e a nossa História !...

Tal como a Grécia, — (que nas Artes mande !...)
Tens epopéas de eternal memória !...
— Fôrça não há que o teu valor abrande,
Quando lutas em busca da Vitória !...

Se um livro, apenas, eterniza um Povo,
Tú, quantas vezes, num valor austero,
Dêste ao Brasil rebrilho sempre novo !..

Basta ver, clareando os horizontes,
Em porfias de luz, Sílvio Roméro,
João Ribeiro, Tobias e Hermes Fontes !..

CREPÚSCULO

PARA O MONSENHOR CARLOS COSTA.

Pote ao ombro, a caminho da cheupana,
Na solitária encosta da colina,
Vejo-a passar — linda samaritana —,
Rompendo a custo a areia branca e fina.

Negras tranças compridas de cigana,
Olhos de côrsa, face purpurina,
Na merencórea tarde sergipana
Seu vulto é um traço vivo que domina.

Vendo-a chegar, a trêmula avózinha
Recóihe os bilros, e sorri tranqüila,
Enquanto as mãos morenas lhe acarinha.

Eis que anoitece... e as duas, abraçadas,
Curvam-se ouvindo (fica perto a vila),
Da Avé-Maria as lentas badaladas...

SILVA RIBEIRO FILHO.

ATAS DA ACADEMIA

ATA DA ELEIÇÃO DA NOVA DIRETORIA DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS COMO ABAIXO SE DECLARA

Presidência do acadêmico J. Magalhães Carneiro.

Aos sete dias do mês de agosto do ano de mil novecentos e quarenta e sete, no salão nobre do Instituto Histórico e Geográfico, à hora determinada e sob a presidência do acadêmico prof. J. Magalhães Carneiro, verificado número legal, foi aberta a sessão declarando o presidente o objeto da mesma que era proceder-se a eleição da nova Diretoria para o biênio de mil novecentos e quarenta e sete — mil novecentos e quarenta e nove na forma do Estatuto. Dando-se começo aos trabalhos foram depositados na mesa os votos dos acadêmicos seguintes: dr. Marcos Ferreira, dr. Augusto Leite, prof. Magalhães Carneiro, — dr. Marcos Ferreira, dr. Augusto Leite, prof. Magalhães Carneiro, dr. Garcia Moreno, dr. Luiz Pereira de Melo, prof. José Augusto da Rocha Lima, J. Freire Ribeiro, Zózimo Lima, Monsenhor Carlos Costa, Des. Hunald Cardoso, prof. Florentino Menezes, prof. J. Maurício Cardoso, Epifânio Dórea, dr. Antônio Garcia Rosa, dr. Mário Cabral, dr. Olegário Silva e padre Filadelfo Oliveira. Terminada a votação procedeu-se à contagem e a apuração obtendo-se o resultado seguinte: Para presidente — prof. J. Magalhães Carneiro, 15 votos; dr. Augusto Leite, 1 voto; dr. Marcos Ferreira, 1 voto. Para Vice-presidente: dr. Garcia Moreno, 12 votos; dr. Marcos Ferreira, 2 votos; dr. Carvalho Neto, 2 votos; prof. José Augusto, 1 voto. Para 1.º secretário: Freire Ribeiro, 10 votos; Zózimo Lima, 1 voto; dr. Luiz Pereira de Melo, 1 voto; prof. José Augusto, 1 voto. Para 2.º secretário: prof. Joaquim Maurício Cardoso, 12 votos; Epifânio Dórea, 1 voto; Freire

Ribeiro, 4 votos. Para Secretário Geral: Exuperio Monteiro, 7 votos; Zózimo Lima, 6 votos; Freire Ribeiro, 2 votos; José Augusto, 1 voto; Carlos Costa, 1 voto. Para Tesoureiro: Epifânio Dórea, 14 votos; Olegário Silva, 3 votos. Para bibliotecário: dr. Luiz Pereira de Melo, 15 votos; Monsenhor Carlos Costa, 1 voto. Concluída a apuração da eleição o sr. Presidente declara eleitos os acadêmicos mais votados ficando a Diretoria do Sodalício para o biênio de mil novecentos e quarenta e sete — mil novecentos e quarenta e nove assim constituída: — Presidente, prof. Magalhães Carneiro; Vice-presidente, Garcia Moreno; Secretário Gral, Exuperio Monteiro; 1.º Secretário, Freire Ribeiro; 2.º secretário, prof. J. Maurício Cardoso; Bibliotecário, dr. Luiz Pereira de Melo; Tesoureiro, Epifânio Dórea. E nada mais havendo o senhor Presidente de acôrdo com os presentes marcou o dia vinte e um do mês corrente para a posse da nova Diretoria que deverá ocorrer com toda a solenidade. E para constar lavrou-se a presente ata que depois de lida, discutida e aprovada, será pela mesa assinada. — José de Magalhães Carneiro; Freire Ribeiro; Joaquim Maurício Cardoso.

ATA DA SESSÃO SOLENE REALIZADA NO DIA
21 de agosto de 1949, AO SER EMPOSSADA A DIRETORIA, QUE VAI REGER OS DESTINOS DESTA ACADEMIA, NO BIÊNIO DE 1947 A 1949.

Aos vinte e um dias do mês de agosto do corrente ano, às vinte horas, em ponto, achando-se presente grande número de sócios acadêmicos, o representante de S. Exa. o Sr. Presidente do Estado e repleto o salão nobre do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, do que há de mais fino em nosso meio social, o sr. Presidente houve por bem declarar aberta a sessão dêste sodalício, tendo antes, em breves palavras, declarado que o motivo daquela solenidade era a posse da Diretoria, que eleita em sete de agosto também do corrente ano, iria reger os destinos desta Academia no biênio de 1947 a 1949. Nesta ocasião, o canto orfeônico da Escola Normal Rui Barbosa, dirigido pelo prof. Genaro Plech, entoou a canção "Noite de Junho", recebendo ao terminar calorosas palmas da assistência. Lida a ata da sessão anterior, pelo prof. J. Maurício Cardoso, 2.º secretário da Academia e posta em discussão foi a mesma aprovada, por não haver quem pedisse a palavra. O Sr. Presidente ao declarar empossada a nova Diretoria, o referido canto orfeônico entoou um lindo carone a quatro vozes produzindo na assistência verdadeiro entusiasmo. Continuando, o sr. Presidente disse que a nova Diretoria não tinha programa a cumprir no biênio de 47 a 49; que seguiria à risca seu antecessor o dr.

Carvalho Neto, tecendo francos elogios a sua administração. Franqueada a palavra o dr. Garcia Moreno, Vice-presidente eleito da Academia, em substancial discurso fez um estudo profundo sôbre a gênio e a loucura, citando além de outros, o celebre Lombroso, dizendo que para êste o gênio era uma neuroze. Por fim estudou a poesia de José Sampaio, José Amado, Maurilo Mendes e Frederico Smith. Elogiou a crítica que Mário Cabral fez dos poetas sergipanos, lendo trechos de suas obras e terminou recebendo uma prolongada salva de palvas de toda assistência, que o ouviu embevecida. Com a palavra o poeta Freire Ribeiro recitou com alma e coração dois lindos poemas sôbre a Igreja da Comandaroba em Laranjeiras um, e outro sôbre Currais nesta cidade, sendo também muito aplaudido. O sr. Presidente com a palavra disse que ia nos dar ainda dois dedos de prosa e então recitou "Pinguentes do Folclore sergipano". Terminando agradeceu o comparecimento das famílias, dos cavalheiros e das autoridades civis e militares que tanto abrilhantaram aquela sessão e sob gerais aplausos, encerrou que tanto abrilhantaram aquela sessão e sob gerais aplausos, encerrou-a. E nada mais havendo a tratar, eu J. Maurício Cardoso, 2.º secretário lavrei a presente ata que vai assinada pela mesa. — José Magalhães Carneiro, J. Freire Ribeiro, J. Maurício Cardoso.

ATA DA REUNIAO DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS, COMO ABAIXO SE DECLARA.

Aos vinte e oito dias do mês de agosto do ano de mil novecentos e quarenta e sete, na sala das sessões da Academia Sergipana de Letras, à hora determinada, havendo número legal foi aberta a sessão. Lida a ata da sessão anterior, e posta em discussão foi a mesma aprovada, por não haver quem pedisse a palavra. Passou-se ao expediente que foi lido pelo Sr. Freire Ribeiro, 1.º secretário da Academia e que constou do seguinte: — Officio do Sr. Governador do Estado, agradecendo a comunicação da posse da nova Diretoria — Officio do Sr. Diretor Geral de Obras Públicas no mesmo sentido — Discursos do Tenente Damião Mendonça de Santana sôbre Caxias e a FEB. — Um numero do Correio do Departamento de Cooperação Intelectual sob n. 13 da União Panamericana. — Officio do secretário da Ação Católica fazendo uma comunicação. — Circular da Comp. D. Jones tratando de assuntos afetos ao jornalismo. — Carta do 1.º secretário da Academia José de Alencar. — Officio do Departamento de Estatística deste Estado, enviando um numero do comunicado n. 12. — Circulares do Departamento de Educação. Da União Cultural Brasil-Estados Unidos. — Officio do Conselho Regional de Desportos co-

comunicando sua instalação nesta capital. — Ofício da Federação das Academias de Letras do Brasil comunicando a eleição da nova Diretoria. — Um exemplar n. 23 do Brasil Açucareiro e varios jornais da Capital Federal. Na ordem do dia foi lida uma proposta assinada por varios socios indicando para correspondente, na vaga aberta com o favorimento do Dr. João Pinheiro, o intellectual sergipano Otaviano de Menezes Bastos, residente na Capital Federal. Posta a votos a proposta de que foi relator o Acadêmico Epifanio Dorea foi aprovada, considerando sócio correspondente da Academia o intellectual proposto. Assinado pelo acadêmico J. Mauricio Cardoso foi apresentada uma proposta no sentido de que fiquem todos os sócios obrigados a contribuir com duas obras literárias ou científicas, como auxilio para a formação da biblioteca da casa. Discutida a proposta foi aprovada. E nada mais havendo a tratar foi a sessão encerrada. Foi eu Joaquim Mauricio Cardoso, 2.º secretario, escrevi a presente ata que vai assinada pela mesa. Aracaju, 23 de agosto de 1947. — *J. Magalhães Carneiro, Luiz Pereira de Melo, Epifanio Dorea, J. Mauricio Cardoso, Garcia Moreno.*

ATA DA Sessão ORDINARIA DO DIA SETE DE NOVEMBRO DE 1947.

Aos sete dias do mês de Novembro do corrente ano, à hora regimental, no salão nobre do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, compareceram os srs. acadêmicos: prof. Magalhães Carneiro, Garcia Moreno Freire Ribeiro, Mauricio Cardoso, Luiz Melo e Epifanio Dorea, os últimos quatro respectivamente 1.º e 2.º secretários, bibliotecário e tesoureiro deste sodalicio. Lida e aprovada a ata da sessão anterior foi visto o expediente que constou de vários officios e telegramas de autoridades federais estaduais e municipais e de instituições de cultura, agradecendo a comunicação da posse da nova diretoria. Na ordem dos trabalhos foi declarado pelo Presidente que o serviço de distribuição do n. 12 o ultimo da revista desta Academia estava sendo feito com toda regularidade. Submetendo-se depois à consideração dos presentes o officio do Exmo. Sr. Secretário do Interior e Justiça, Dr. J. de Araujo Monteiro, acompanhado de uma cópia da informação do Sr. Dr. Diretor do Arquivo Público, lida à petição da Academia, solicitando do Governo do Estado alguns retratos de sergipanos notáveis, arquivados naquela repartição para figurarem na galeria deste sodalicio; manifestaram-se todos os presentes respectivamente ao assunto. Foi, então, resolvido que se pedisse reconsideração do despacho ao Exmo. Sr. Dr. Governador do

Estado, devendo isto ser feito com o respeito que merece aquela alta e benemérita autoridade. Com a palavra o Dr. Luiz Pereira de Melo declarou que o recebimento de obras pedidas pela Academia para a organização de sua biblioteca, já era lisonjeiro, notando-se os donativos dos acadêmicos Dr. Carvalho Neto e Magalhães Carneiro, que já enviaram livros num total superior a cem exemplares. Dr. Luiz Pereira de Melo hipotecou aos presentes as suas esperanças de que os demais acadêmicos cumpririam em tempo seus deveres relativamente ao assunto. E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão. E eu, Joaquim Mauricio Cardoso, 2.º secretário escrevi a presente ata, que vai assinada pela mesa. Aracaju, 7 de Novembro de 1947. — (aa) *J. de Magalhães Carneiro, J. Freire Ribeiro, Luiz Pereira de Melo, Zózimo Lima, Eufânio Dorea, Joaquim Mauricio Cardoso, 2.º secretário.*

ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DO DIA DOIS
DE DEZEMBRO DE 1947.

Aos dois dias de Dezembro do corrente ano reunida a Academia Sergipana de Letras, na sede do Instituto Histórico de Sergipe, foi lido o expediente que constou do seguinte; officio do Secretário da Assembléa Legislativa, deputado Carvalho Deda, solicitando sugestões para as bases do concurso para um novo hino sergipano; *ad information service* do Rio de Janeiro; do Sr. Secretário do Interior e Justiça, D. J. de Aaujo Monteiro fazendo uma comunicação; do 1.º secretário da Academia de Letras da Paraíba, comunicando a posse da nova diretoria. O n. 39 da revista da Academia de Letras de S. Paulo e um exemplar do livro "Introdução da Ideia". do Dr. Agamenon Moraes oferecido à biblioteca da casa. Passando-se à ordem do dia foi adicionado ao artigo 9.º dos Estatutos § 1.º que torna *ad libitum* do acadêmico eleito, à posse em sua cadeira com solenidade ou sem ela, em sessão ordinária da Academia; obrigação neste caso, apenas à responder à saudação que lhe fizer o confrade designado para este fim. Para isto assinaram um projeto que sofreu as discussões regulamentares, diversos acadêmicos. Foi ainda na ordem do trabalhos declarada vaga a cadeira n. 10, patrocinada por Lapa Pinto e da qual era titular o falecido acadêmico Artur Fortes. A presidencia autorizou a publicação de Edital pondo em concorrência a dita cadeira, mandando igualmente tornar público o que a respeito dispõem os Estatutos

tos em seu artigo 4.º § 2.º. E nada mais havendo a tratar foi lavrada a presente ata que vai pela mêsá assinada. — (aa) *J. Magalhães Carneiro, J. Mauricio Cardoso, J. Freire Ribeiro*

ATA DA SESSÃO DA ACADEMIA SERGIPANA
DE LETRAS NO DIA 23 DE DEZEMBRO DE 1947.

Aos vinte e três dias do mês de Dezembro do corrente ano, no salão nobre do Instituto Histórico de Sergipe, às 15 horas, presentes os Srs. Acadêmicos José Magalhães Carneiro, Joaquim Mauricio Cardoso, Zózimo Lima, Exuperio Monteiro e Epifanio Dorea, estes da diretoria e mais o Acadêmico Mario Cabral, foi aberta a sessão, por haver numero legal de sócios. Não havendo expediente passou-se à ordem do dia que constou apenas de uma proposta firmada por alguns sócios, apresentada pelo Sr. Presidente da Academia, Prof. José de Magalhães Carneiro. O fim principal dessa proposta era a reforma de alguns artigos dos Estatutos da Academia por se considerarem deficientes tais artigos nos Estatutos atuais. Achando, porém o Acadêmico Joaquim Mauricio Cardoso que essa proposta feria fundo o direito do candidato José Augusto Garcez, inscrito regularmente na vigência dos atuais Estatutos e sendo principio de direito que a lei não tem efeito retroativo, achava que tal reforma só se poderia dar após a eleição daquele candidato inscrito. O Sr. Presidente e mais alguns sócios presentes à sessão rebatiam a preliminar levantada quando o Acadêmico Zózimo Lima pediu a palavra e declarou não ter cabimento a discussão porque tinha em seu poder uma declaração do Acadêmico José Calazans Brandão da Silva, eleito, mas não empossado ainda na cadeira n. 10 em a qual (declaração) dizia que absolutamente não renunciaria sua cadeira e que ainda não tinha tomado posse por motivos superiores à sua vontade, maximé por sua mudança de residência para o Estado de Bahia e que autorizado por êle, Calazans, requeria à casa que lhe fôsse marcado um prazo para sua posse definitiva. O Sr. Presidente de acordo com a maioria embora não lhe fôsse apresentada a referida declaração, marcou o prazo de 180 dias para a posse do Acadêmico José Calazans Brandão da Silva. O Sr. Presidente, então, declarou que ficava sem efeito tudo quanto se processou referente à cadeira n. 10 em apreço. E assim ficou encerrada a sessão por nada mais haver a tratar. E eu, Joaquim Mauricio Cardoso 2.º secre-

tário, lavrei a presente ata que vai assinada pela mēsa. Aracaju, 23 de Dezembro de 1947. — — (aa) *José de Magalhães Carneiro, João Freire Ribeiro, Joaquim Mauricio Cardoso.*

ATA DA SESSÃO ORDINARIA EM 12 DE FEVEREIRO DE 1948

Aos doze dias do mês de Fevereiro do ano de 1948, às 15 horas, na sede social e sob a presidencia do Prof. Magalhães Carneiro, reuniu-se a Academia Sergipana de Letras. Constatando-se numero legal de sócios, foi aberta a sessão, sendo lida e aprovada a ata da sessão anterior. Foi visto o expediente. A ordem do dia constou da apresentação dos projetos de reforma do Estatuto e do Regimento Interno da casa, o que foi feito, trazendo o dos Estatutos a assinatura de socios acadêmicos e o do Regimento a assinatura do presidente, do 1.º e 2.º secretários. Sendo do conhecimento geral da casa a necessidade da reforma de ambos aqueles diplomas foi anunciada a 1.ª discussão simultaneamente do Estatuto e do Regimento Interno. O Sr. Presidente para encaminhar a discussão e a votação explicou que a restrição que sucede à assinatura do acadêmico Dr. Carvalho Neto refere-se ao § unico do art. 6.º do Estatuto. O illustre confrade pensa que uma vez renunciada pelo acadêmico sua cadeira e seus direitos, a Acadmeia nada mais tem a debater. Independendo, pois, a renuncia de aceitação ou não por parte da Academia, foi pois a mesma encerrada e aprovados os projetos tais quais se acham na integra. Com a palavra o acadêmico Freire Ribeiro, alegando urgencia, requereu que os projetos fôsem naquela mesma sessão submetidos a 2.ª discussão. Posto a voto o requerimento foi aprovado e, bem assim, os projetos, conforme solicitação daquele acadêmico. O Sr. Presidente declarou, então que a Academia votaria em ultima discussão os projetos na proxima reunião. E nada mais havendo a tratar lavrou-se a presente ata, que vai assinada pela mēsa. Aracaju, 12 de Fevereiro de 1949. — — (aa) *J. Magalhães Carneiro, Mario Cabral, Joaquim Mauricio Cardoso, Exupero Monteiro, J. Freire Ribeiro.*

ATA DA SESSÃO ORDINARIA REALIZADA A 15 DE FEVEREIRO DO ANO DE MIL NOVECENTOS E QUARENTA E OITO COMO ABAIXO SE DECLARA.

Aos deseseis dias do mês de Fevereiro do ano de mil novecentos e quarenta e oito, às 15 horas, na sede social, (Instituto Histórico e

Geográfico de Sergipe), com numero legal de sócios e sob a presidência do Prof. Magalhães Carneiro, reuniu-se a "Academia Sergipana de Letras" em sessão ordinária, segunda deste ano. Lida e aprovada a ata da sessão anterior ocorrida a 12 do andante, foi visto o expediente e anunciada a ordem dos trabalhos que constou da 3.^a e ultima discussão dos projetos de reforma dos Estatutos e do Regimento Interno da casa. Não havendo quem pedisse a palavra, encerrou-se a discussão e, postos a votos os referidos projetos, foram ambos aprovados. E nada mais havendo a tratar foi lavrada esta ata que depois de lida e aprovada será assinada pela mēsa nos termos dos novos Estatutos. Aracaju, 16 de Fevereiro de 1943. — (aa) *J. Magalhães Carneiro, J. Freire Ribeiro, Joaquim Mauricio Cardoso, Luiz Pereira de Meol, Garcia Moreno, José Augusto da Rocha Lima, Zózimo Lima.*

ATA DA SESSÃO ORDINARIA DO DIA 20 DE
AGOSTO DE 1948.

Aos vinte dias do mês de Agosto do corrente ano, às 15 horas, havendo numero legal, foi aberta a sessão ordinária da Academia Sergipana de Letras. O expediente constou de várias comunicações em officio, cartas e consideravel numero de livros e revistas do país e do exterior, ofertados à Academia. Na ordem dos trabalhos foram consideradas vagas as cadeiras ns. 10, 14 e 27, autorizando-se a publicação de Edital, chamando concurrentes. Foram aprovadas as bases para o concurso de contos literários, instituido pela Academia com premios de 300 e 200 cruzeiros para os classificados em 1.^o e 2.^o lugares, respectivamente. Pelo Dr. Luiz Melo foi requerido e aprovado um voto de pezer pelo falecimento do Acadêmico Roberto Simonsen, ocorrido na Capital Federal. Pelo Acadêmico Freire Ribeiro foi requerido e mandado inserir na ata um voto de louvor ao Dr. Marcos Ferreira, Prefeito do Municipio, por ter mandado pagar subvenções atrasadas a este sodalicio. Por proposta do Acadêmico Prof. José Augusto da Rocha Lima a Academia se associará ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, no empenho que este fará perante o Prefeito de Laranjeiras, no sentido de se dotar a galeria de retratos daquele Instituto com o de João Ribeiro considerado um dos maiores intellectuais sergipanos, tendo o Dr. Luiz Melo apresentado igual sugestão com referência ao Dr. Gumercindo de Araujo Bessa, perante o Prefeito de Estancia. O Sr. Presidente mandou pagar o *jeton* aos academicos seguintes que compareceram à presente sessão: Prof. J. Magalhães Carneiro --- Cr\$ 30,00; Prof. J. Mauricio Cardoso --- Cr\$ 30,00; Acadêmico Freire Ribeiro --- Cr\$ 30,00; Prof.

José Augusto — Cr\$ 30,00; Dr. Luiz Melo — Cr\$ 30,00; Acadêmico Epifanio Dorea — Cr\$ 30,00; Acadêmico Zózimo Lima — Cr\$ 30,00; Dr. Garcia Moreno — Cr\$ 30,00. Total — Cr\$ 240,00. Aracaju, em 20 de Agosto de 1948. — (aa) *J. Magalhães Carneiro, P; J. Freire Ribeiro, Joaquim Mauricio Cardoso.*

ATA DA SESSÃO ORDINARIA DO DIA 23 DE SETEMBRO DE 1948.

Aos vinte e três dias do mês de Setembro do corrente ano, na sede do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, às 15 horas, havendo numero legal de sócios foi aberta a sessão da Academia Sergipana de Letras. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou do seguinte: Telegrama do Senador Augusto Maynard Gomes prometendo colaborar na pretensão da Academia junto ao Governo Federal; officio do serviço exterior da Sociedade das Nações Unidas enviando à Academia uma relação dos temas a serem tratados em Paris; comunicação da Cia. Melhoramentos de S. Paulo sobre assuntos atinentes às suas atividades; N. 9 da *Unitas*, mensario de cultura e atualidade sucursal Rio de Janeiro; officio da Academia Paranaense de Letras comunicando a eleição e posse de sua nova diretoria; correspondencia do bibliotecario da Academia de Letras da Bahia, agradecendo o recebimento do n. 13 da Revista da casa; Lista periodica de novas obras em lingua inglesa oferecidas pela Prezzi Intormation de Milano, na Italia; officio do Centro Sergipano de Estudos e Defesa do Petroleo, pedindo o apoio da Academia à campanha encetada; officio n. 1 da Revista da Academia Sul-Riograndense de Letras; Oferta pelo Dr. Anibal Freire de exemplares de trabalhos seus sob os titulos: "Alocuções" e "Pareceres e Votos"; Oferta de dois exemplares da Historia Literaria do Ceará, pelo seu autor Mario Linhares. Na ordem do dia foi lida pelo 2.º secretario a indicação já com o respectivo parecer, do Dr. José Calazans Brandão da Silva, para sócio correspondente da Academia na vaga do Pe. João de Matos procedendo-se imediatamente a eleição, sendo o mesmo eleito por maioria de votos. Receberam o jeton os seguintes acadêmicos: Magalhães Carneiro — Cr\$ 30,00; Garcia Moreno — Cr\$ 30,00; José Augusto da Rocha Lima — Cr\$ 30,00; Freire Ribeiro — Cr\$ 30,00; Zózimo Lima — Cr\$ 30,00; Epifanio Dorea — Cr\$ 30,00; Luiz Melo — Cr\$ 30,00; Exupero Monteiro — Cr\$ 30,00; Mario Cabral — Cr\$ 30,00 e Mauricio Cardoso — Cr\$ 30,00. Total, Cr\$ 300 00. E nada mais havendo a tratar-se, foi en-

cerrada a sessão e lavrada a presente ata, que vai assinada pela mês. Aracaju, 23 de Setembro de 1948. — (aa) *Magalhães Carneiro*, P., *Freire Ribeiro*, J. *Mauricio Cardoso*.

ATA DA SESSÃO DO DIA 19 DE NOVEMBRO DE 1948.

Aos dezenove dias do mês de Novembro de mil novecentos e quarenta e oito, no salão nobre do Instituto Histórico de Sergipe, onde funciona a Academia Sergipana de Letras, havendo numero legal foi aberta a sessão. Não houve expediente. Reunida a Comissão julgadora dos trabalhos dos intelectuais sergipanos inscritos em n. de 7, procedeu-se ao julgamento final, obtendo-se o seguinte resultado: o 1.º premio — Franklin Roosevelt — foi conferido ao Sr. Celso Oliva, autor do conto "Samba, negro"; o 2.º premio — "Silvio Romero" — foi conferido ao Sr. José Antonio Nunes Mendonça, autor do conto — "Uma consciência na noite", o qual obteve também menção honrosa com o seu conto — "Plenilunio". Todos os prêmios foram conferidos por unanimidade. A comissão julgadora foi composta dos Srs. Acadêmicos: Dr. Carvalho Neto, Professor José Augusto da Rocha Lima e Dr. Mario Cabral. Oportunamente serão os prêmios entregues com solenidade e publicados os trabalhos no próximo numero da Revista da Academia. O presidente, dando por terminados os trabalhos encerrou a sessão, mandando dar publicidade do resultado do julgamento, o que foi feito. Sala das sessões, em 19 de Novembro de 1948. — (aa) *J. Magalhães Carneiro*, P. *J. Freire Ribeiro*, 1.º S. *J. Mauricio Cardoso*, 2.º S.

ATA DA SESSÃO SOLENE ORGANIZADA PELA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS EM HOMENAGEM Á MEMORIA DE D. JOSÉ TOMAZ GOMES DA SILVA, BISPO DE ARACAJU, COMO ABAIXO SE DECLARA.

No primeiro dia do mês de Dezembro de mil novecentos e quarenta e oito, precisamente às 20 horas, no salão nobre do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, repleto do que de mais fino e representativo existe na sociedade sergipana, iniciou-se a magna sessão da Academia Sergipana de Letras, presidida pelo Prof. Magalhães Carneiro que inicialmente convida a participarem da mesa de honra o Exmo. Sr. Governador do Estado Dr. José Rollemberg Leite, e Exmo. Revmo. Sr. Administrador Apostólico, D. Fernando Gomes, o

Exmo. Revmo. D. Avelar Brandão Vilela, Bispo de Petrolina, o Exmo. Sr. Presidente do Tribunal de Justiça, Des. Hunald Santaflor Cardoso, o Exmo. Sr. Te.-Cel. João Tavares Filho, D. Comte. da Guarnição e do 28 B. C., o Exmo. Sr. Prefeito da Capital, Dr. Marcos Ferreira de Jesus, o Exmo. Vigário Geral, Monsenhor Carlos Costa, os Presidentes do Instituto Histórico e da Associação Sergipana de Imprensa, respectivamente, Dr. Garcia Moreno e Eliezer Leopoldino, Dr. Luiz Melo, Juiz de Direito da 4.^a Vara da Capital e o poeta Freire Ribeiro, um dos oradores da solenidade.

O Prof. Magalhães Carneiro em breves mas expressivas palavras de abertura, diz da razão de ser da homenagem ao saudoso Bispo, D. José Tomaz, em torno a quem tece justos elogios.

O primeiro orador foi o Des. Hunald Cardoso, que, em linguagem simples mas elegante, apreciou a vida e a obra do grande morto, situando-a no tempo e no espaço como modelos de virtudes e de exemplos cristãos. Fluente como sempre, foi o prolixo magistrado alvo de significativos aplausos às suas últimas palavras.

O poeta Freire Ribeiro declama em seguida, "epitáfio", magnífico poema de sua autoria, arrancando de princípio a fim estrepitosas palmas.

O Dr. Luiz Melo, terceiro e último orador, depois de fazer interessante estudo sobre religião e cultura traçou o perfil moral, mental e apostolico do nosso inesquecível Antistite, em meio às incontidas ovações dos presentes.

Levanta-se, finalmente, o Sr. Administrador Apostolico, o Exmo. Revmo. D. Fernando Gomes, que exprime possuido de véra emoção, o agradecimento da Diocese de Aracaju, concitando os sergipanos à continuação da veneração da pessoa de D. José, através fervorosas preces, afim de que Deus nos conceda a suprema graça de um Bispo do quilate do nosso sempre lembrado pai espiritual. As palavras do insigne Príncipe da Igreja, atual gestor dos destinos da Diocese, causaram ótima repercussão sendo abafadas por calorosa ovação.

O Prof. Magalhães Carneiro, em agradecimento a presença de todos, encerra a memorável sessão, que teve a abrihanta-la a valiosa colaboração do talentoso Prof. Genaro Plech, Diretor do Instituto de Música, interpretando ao piano um lindo preludio, acompanhado ao violino por uma jovem maestrina, sua dileta aluna.

E nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente mandou que se lavrasse a presente ata que vai assinada pela mesa. Aracaju, 1.^o de Dezembro de 1948. — (aa) *J. Magalhães Carneiro, P., J. Freire Ribeiro, 1.^o S., J. Mauricio Cardoso, 2.^o S.*

QUADRO ACADEMICO (*)

PATRONOS

CADEIRA N. 1. Tobias Barreto (T. B. de Menezes). Nasceu na cidade do seu nome a 7 de Junho de 1839 e faleceu no Recife a 26 de Junho de 1889.

CADEIRA N. 2. Silvio Romero. Nasceu no Lagarto a 21 de Abril de 1851 e faleceu no Rio de Janeiro a 18 de Julho de 1914.

CADEIRA N. 3. Fausto Cardoso. (F. de Aguiar C). Nasceu no engenho S. Felix, municipio de Divina Pastora, a 22 de Dezembro de 1864 e faleceu em Aracaju a 28 de Agosto de 1906.

CADEIRA N. 4. Bittencourt Sampaio (Francisco Leite de B. S.). Nasceu em Laranjeiras a 1.º de Fevereiro de 1834 e faleceu no Rio de Janeiro a 10 de Outubro de 1895.

CADEIRA N. 5. Ivo do Prado. (I. do P. Montes Pires da Franca). Nasceu em S. Cristovão a 20 de Maio de 1860 e faleceu no Rio de Janeiro a 24 de Abril de 1925.

CADEIRA N. 6. Gumerindo Bessa (G. de Araujo B.). Nasceu na

TITULARES

Garcia Rosa (Antonio G. R.). Nasceu no engenho Riacho Preto, municipio de Japarutuba, a 8 de Dezembro de 1877.

Magalhães Carneiro (J. de M. C.). Nasceu em Aracaju, a 12 de Novembro de 1880.

Cleomenes Campos (C. C. de Oliveira). Nasceu em Maruim a 10 de Agosto de 1895.

José Augusto (J. A. da Rocha Lima). Nasceu no povoado Escurial, municipio de Gararú, a 22 de Julho de 1897.

Dom Antonio Cabral (A. dos Santos C.). Nasceu em Propriá a 8 de Outubro de 1334.

Gilberto Amado. Nasceu na Estancia a 7 de Maio de 1837

PATRONOS

Estancia a 2 de Janeiro de 1859 e faleceu em Aracaju a 24 de Agosto de 1913.

CADEIRA N. 7. Curvelo de Mendonça. (Manuel C. de M.). Nasceu no engenho Quintas, municipio de Riachuelo, a 29 de Julho de 1870 e faleceu em Laranjeiras a 17 de Setembro de 1914.

CADEIRA N. 8. Felisbello Freire. (F. Firmo de Oliveira F.). Nasceu em Itaporanga a 30 de Janeiro de 1858 e faleceu no Rio de Janeiro a 7 de Maio de 1916.

CADEIRA N. 9. Maximino Maciel (M. de Araujo M). Nasceu no Rosario do Catete a 20 de Abril de 1866 e faleceu no Rio de Janeiro a 2 de Maio de 1923.

CADEIRA N. 10. Lapa Pinto. (Eliziário Prudencio da L. P.). Nasceu em S. Cristóvão a 28 de Abril de 1839 e faleceu no Rio de Janeiro a 22 de Novembro de 1897.

CADEIRA N. 11. Lima Junior. (Francisco Antônio de Carvalho L. J.). Nasceu em Itabaiana a 4 de Junho de 1856 e faleceu no Rio de Janeiro a 1.º de Fevereiro de 1929.

CADEIRA N. 12. Severiano Cardoso. (S. Mauricio C.). Nasceu na Estancia a 14 de Março de 1840 e faleceu em Aracaju a 2 de Outubro de 1907.

CADEIRA N. 13. Santa Cecilia (José de S. C.). Nasceu em S.

TITULARES

Luiz Melo (L. Pereira de M.). Nasceu em Aracaju a 15 de Maio de 1905.

Manuelito Campos. (Manuel C. de Oliveira). Nasceu em Maruim a 8 de Janeiro de 1899.

Rubens Figueiredo. (R. de F. Martins). Nasceu em Aracaju a 10 de Julho de 1896.

Severino Uchôa (S. Pessoa U.). Nasceu em Camutanga, Também, Pernambuco, a 13 de Abril de 1909.

Vaga com o falecimento de Luiz José da Costa Filho.

Carlos Costa (C. Camelio C.). Nasceu em Laranjeiras a 27 de Outubro de 1900.

Freire Ribeiro (João F. R.). Nasceu em Aracaju a 4 de

PATRONOS

Cristóvão no ano de 1809 e ali faleceu a 6 de Setembro de 1859.

CADEIRA N. 14. Horacio Hora. Nasceu em Laranjeiras a 17 de Setembro de 1853 e faleceu em Paris a 1.º de Março de 1890.

CADEIRA N. 15. Armindo Guarana (Manuel A. Cordeiro G.). Nasceu em S. Cristóvão a 4 de Agosto de 1848 e faleceu em Aracaju a 10 de Maio de 1924.

CADEIRA N. 16. Pedro de Calazans (P. Luziense de Bittencourt C.). Nasceu no engenho Castelo, municipio de Santa Luzia, a 29 de Janeiro de 1837 e faleceu a bordo do vapor em que viajava para a Europa, a 24 de Fevereiro de 1874.

CADEIRA N. 17. Ascendino Reis (A. Angelo dos R.) Nasceu em S. Cristóvão a 20 de Abril de 1852 e faleceu em S. Paulo a 16 de Setembro de 1926.

CADEIRA N. 18. Vigario Barroso (J. Gonçalves B.). Nasceu em Laranjeiras a 21 de Março de 1821 e faleceu em S. Cristóvão a 17 de Setembro de 1882.

CADEIRA N. 19. Pereira Barreto (João Antonio P. B.). Nasceu na Estancia a 13 de Janeiro de 1876 e faleceu em Aracaju a 7 de Agosto de 1926.

CADEIRA N. 20. Coelho e Calapos (José Luiz C. e C.). Nasceu no engenho Mata Verde, municipio

TITULARES

Setembro de 1911.

João Cajueiro (J. Evangelista C.). Nasceu em Penêdo Alagôas, a 6 de Outubro de 1906.

Garcia Moreno (João Batista Perez G. M.). Nasceu em Laranjeiras a 12 de Dezembro de 1910.

Exuperio Monteiro (E. Santanna M.). Nasceu em Itabaianinha a 8 de Fevereiro de 1900.

Mário Cabral (M. de Araujo C.). Nasceu em Aracaju a 26 de Março de 1914.

Dom Mário Vilas-Boas (M. de Miranda V. B.). Nasceu na cidade do Rio Grande, Estado do Rio Grande do Sul, a 4 de Agosto de 1903.

Pires Wynne (João P. W.). Nasceu em Riachuelo a 5 de Setembro de 1906.

Alfeu Rosas (A. R. Martins). Nasceu em João Pessoa, Paraíba, a 2 de Março de 1898.

PATRONOS

TITULARES

da Capela, a 4 de Fevereiro de 1843, e faleceu no Rio de Janeiro a 13 de Outubro de 1919.

CADEIRA N. 21. Caldas Junior (Francisco Antonio Vieira C. J.). Nasceu no sitio Porteirás, municipio de Neópolis, a 13 de Dezembro de 1868 e faleceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a 9 de Abril de 1913.

CADEIRA N. 22. Martinho Garcez (M. Cesar da Silveira G.). Nasceu no engenho Comendaroba, municipio de Laranjeiras a 30 de Novembro de 1856 e faleceu no Rio de Janeiro a 11 de Agosto de 1925.

CADEIRA N. 23. Civo de Azevedo (C. Franklin de A.). Nasceu em Aracaju a 16 de Outubro de 1858 e faleceu no Rio de Janeiro a 16 de Janeiro de 1927.

CADEIRA N. 24. Pedro Moreira (P. Ribeiro M.). Nasceu a 3 de Setembro de 1848, em Laranjeiras e faleceu em Manaus, Amazonas, a 30 de Janeiro de 1914.

CADEIRA N. 25. Dias de Barros (Antônio D. de B.). Nasceu em Aracaju a 19 de Dezembro de 1871 e faleceu no Rio de Janeiro a 2 de Fevereiro de 1928.

CADEIRA N. 26. Monsenhor Fernandes da Silveira (Antonio F. da S.). Nasceu na Estancia no ano de 1795 e faleceu no Itapicuru, Bahia, a 30 de Janeiro de 1882.

CADEIRA N. 27. Manuel Luiz (M. L. Azevedo de Araujo). Nasceu na

Mauricio Cardoso (Joaquim M. C.). Nasceu na Estancia a 12 de Fevereiro de 1876.

João Cubral (J. Passos C.). Nasceu em Aracaju a 21 de Fevereiro de 1900.

Leite Neto (Francisco L. N.). Nasceu em Riachuelo a 14 de Março de 1907.

Julio de Albuquerque (J. Ferreira de A.). Nasceu em Macaé a 26 de Setembro de 1873.

Carvalho Neto (Antônio Manuel de C. N.). Nasceu em Simão Dias a 14 de Fevereiro de 1889.

Florentino Menezes (F. Teles de M.). Nasceu em Aracaju a 7 de Novembro de 1886.

Benedito Cardoso (B. da Silva C.). Nasceu em Aracaju a 28

PATRONOS

Estancia a 24 de Novembro de 1834 e faleceu em Aracaju a 21 de Outubro de 1883.

CADEIRA N. 28. Conselheiro Orlando (Salustiano O. de Araujo Costa). Nasceu em S. Cristóvão a 8 de Junho de 1834 e faleceu no Rio de Janeiro a 23 de Agosto de 1908.

CADEIRA N. 29. Jackson de Figueiredo. Nasceu em Aracaju a 9 de Outubro de 1891 e faleceu no Rio de Janeiro a 4 de Novembro de 1928.

CADEIRA N. 30. José Jorge (J. J. de Siqueira). Nasceu em Laranjeiras a 1 de Fevereiro de 1845 e faleceu em Itabaiana a 4 de Janeiro de 1870.

CADEIRA N. 31. Gomes de Souza (José Maria G. de S.). Nasceu na Estancia a 15 de Março de 1839 e faleceu em Ressaquinha, município de Barbacena, Minas, a 29 de Novembro de 1894.

CADEIRA N. 32. Oliveira Ribeiro (Pedro Antonio de O. R.). Nasceu em Laranjeiras a 8 de Setembro de 1851 e faleceu no Rio de Janeiro a 29 de Junho de 1917.

CADEIRA N. 33. Oliveira Campos (Manuel Joaquim de O. C.). Nasceu em Campos hoje Tobias Barreto, a 16 de Junho de 1818 e faleceu na fazenda Taboca, município de Boquim, a 12 de Abril de 1891.

CADEIRA N. 34. Aranha Dantas (Manuel Iadislau A. D.). Nas-

TITULARES

de Novembro de 1903 (a tomar posse).

Gervasio Prata (G. de Carvalho P.). Nasceu em Simão Dias a 18 de Junho de 1886.

Domingos Fonseca (D. F. de Almeida). Nasceu na Campo do Brito a 6 de Julho de 1898.

Enoch Santiago (E. Matusalem S.). Nasceu no Lagarto a 10 de Novembro de 1892.

Filadeifo Oliveira (F. Jonatas de O.). Nasceu em Laranjeiras a 15 de Janeiro de 1879.

Edison Ribeiro (E. de Oliveira R.). Nasceu em Laranjeiras a 21 de Agosto de 1897.

Humberto Dantas (H. Olegario D.). Nasceu em Maruim a 15 de Dezembro de 1896.

Olegario Silva (O. Ananias S.). Nasceu no Riachão do

PATRONOS

ceu em S. Cristóvão a 27 de Junho de 1810 e faleceu na Bahia a 4 de Novembro de 1875.

CADEIRA N. 35. José Lourenço (J. L. de Magalhães). Nasceu na Estancia a 11 de Setembro de 1831 e faleceu em S. Paulo a 23 de Novembro de 1905.

CADEIRA N. 36. Bricio Cardoso (B. Mauricio de Azevedo C.). Nasceu na Estancia a 9 de Julho de 1844 e faleceu em Aracaju a 11 de Novembro de 1924.

CADEIRA N. 37. Joaquim de Oliveira (J. José de O.). Nasceu em S. Cristóvão a 2 de Novembro de 1820 e faleceu no Rio de Janeiro a 16 de Setembro de 1872.

CADEIRA N. 38. Guilherme Rebelo (G. Pereira R.). Nasceu em Aracaju a 5 de Junho de 1858 e faleceu em Niteroi a 19 de Março de 1928.

CADEIRA N. 39. Joaquim Fontes (J. Martins F. da Silva). Nasceu no engenho Salobro, municipio do Socorro hoje Cotinguiba, a 22 de Agosto de 1866 e faleceu em Bannanal, Estado de S. Paulo, a 9 de Novembro de 1918.

CADEIRA N. 40. Baltazar Góis (B. de Araujo G.). Nasceu no sitio N. S. dos Prazeres, municipio de Itaporanga, a 30 de Outubro de 1853 e faleceu em Aracaju a 13 de Janeiro de 1914.

TITULARES

Dantas a 6 de Julho de 1882.

Augusto Leite (A. Cesar L.). Nasceu no engenho Espirito Santo municipio de Riachuelo, a 30 de Julho de 1836.

Humald Cardoso (H. Santafior G.). Nasceu em Aracaju, a 2 de Setembro de 1854.

Luiz Garcia (Nasceu no Resário do Catete a 14 de Outubro de 1910.

Marcos Ferreira (M. F. de Jesus). Nasceu em Simão Dias a 24 de Março de 1893.

Zózimo Lima. Nasceu na Capela a 5 de Abril de 1889.

Epifanio Dorea (E. da Fonseca D. e Menezes). Nasceu na Fazenda Barro Caído, termo de Campos, a 7 de Abril de 1884.

(*) Reproduzido por ter saído com incorreções.

CORRESPONDENTES (*)

1. Pedro de Oliveira Ribeiro (P. Antonio de O. R. Junior), residente em S. Paulo.
2. Gaston Figueira (José G. F. Moran), Montevideu, Uruguai. Nasceu em Montevideu a 14 de Março de 1905.
3. Gilberto Freyre, residente no Recife.
4. D. Emilia M. Fontes.
5. Otaviano Bastos (O. de Menezes B.), residente no Rio de Janeiro. Nasceu na Capela a 28 de Setembro de 1879.
6. Ari Martins (A. Peixoto M.), residente em Porto Alegre. Nasceu ali a 21 de Agosto de 1908.
7. Domingos Cayafa Soca, residente em Montevideu, Uruguai.
8. Heitor Fróis (M. Prager F.), residente no Rio de Janeiro.
9. Anibal Freire (A. F. da Fonseca), residente no Rio de Janeiro. Nasceu no Lagarto a 7 de Junho de 1884.
10. Guedes de Miranda (Antonio G. de M.), residente em Mació.
11. José Américo (J. A. de Almeida), residente do Rio de Janeiro.
12. Manuel Monteiro, residente no Recife.
13. Barreto Filho (José B. F.), residente no Rio de Janeiro. Nasceu em Aracaju a 27 de Janeiro de 1908.
14. Góis Duarte (José de G. D.), residente em Aracaju, onde nasceu.
15. José Calzans (J. C. Brandão da Silva), residente na Bahia.
16. Graco Cardoso (Mauricio G. C.), residente no Rio de Janeiro. Nasceu na Estancia a 9 de Agosto de 1874.
17. Amando Fontes, residente no Rio de Janeiro. Nasceu em Santos.
18. Gilberto Amado, residente no Rio de Janeiro. Nasceu na Estancia.
19. Artur de Sales (A. Gonçalves de S.), residente na Bahia, onde nasceu a 7 de março de 1879.
20. Amazonas Duarte (Cleobulo A. D.), residente em Santos, S. Paulo. Nasceu em Aracaju a 2 de Fevereiro de 1898.

(*) Reproduzido por ter saído com incorrecções.